

***Eusébio Macário***  
**de Camilo Castelo Branco**

*DEDICATÓRIA*

*Minha querida amiga.*

*Perguntaste-me se um velho escritor de antigas novelas poderia escrever, segundo os processos novos, um romance com todos os «tiques» do estilo realista. Respondi temerariamente que sim e tu apostaste que não. Venho depositar no teu regaço o romance, e na tua mão o beijo da aposta que perdi.*

O AUTOR

EUSÉBIO MACÁRIO  
HISTÓRIA NATURAL E SOCIAL DE UMA FAMÍLIA  
NO TEMPO DOS CABRAIS

NOTA PREAMBULAR

Pede-se à crítica de escada abaixo o favor de não decidir já que o autor plagiou Emílio Zola. *Eusébio Macário* não é *Rougon Macquart*: nem *uma família no tempo dos Cabrais* é *une famille sous le second empire*. Sim, eles, os Cabrais, não são perfeitamente o segundo império.

## PREFÁCIO DA SEGUNDA EDIÇÃO

*São duas frases de entranhada gratidão a alguns críticos bons, delicados que inutilizaram os períodos percucientes, os punhais das ironias com que tencionavam traspasar do peito as costas o Eusébio Macário, tão sinistramente agoirado. Esta reconsideração, já agora, é uma virtude que daria santos à legenda áurea dos literatos, se eles coubessem no Céu, onde há tantos, beatificados por fomes de trutas e sedes de lacrima-Christi – que importa o mesmo dizer fomes e sedes de justiça. O tímido autor esperava que os artistas não refugassem a obra tracejada, e afirmassem que eu, nesta decrepidez em que faço ao estilo o que os meus coevos de juventude fazem ao bigode, não podia penetrar com olho moderno os processos do naturalismo no romance. Ora a coisa em si era tão fácil que até eu a fiz, e tão vaidoso fiquei do Eusébio Macário que o reputo o mais banal, mais oco e mais insignificante romance que ainda alinhabei para as fancarias da literatura de pacotilha. Se eu o não escrevesse de um jacto, e sem intermissões de reflexão, carpir-me-ia do tempo malbaratado.*

*Cumpre-me declarar que eu não intentei ridicularizar a escola realista. Quando apareceram O Crime do Padre Amaro, O Primo Basílio e os romances de Teixeira de Queirós, admirei-os, e escrevi ingenuamente o testemunho da minha admiração. Creio que, hoje em dia, novela escrita de outro feitio, não vinga. Eu não conhecia Zola e ainda agora apenas e escassamente o conheço de o ouvir apreciar a uma pessoa de minha família que me fez compreender a escola com duas palavras: «E a tua velha escola com uma adjectivação de casta estrangeira, e uma profusão de ciência compreendida na "Introdução aos três remos". Além disso tens de pôr a fisiologia onde os românticos punham a sentimentalidade: derivar a moral das bossas, e subordinar à fatalidade o que, pelos velhos processos, se imputava à educação e à responsabilidade. »Compreendi, e achei que eu, há vinte e cinco anos, já assim pensava, quando Balzac tinha em mim o mais inábil e ordinário dos seus discípulos.*

*São Miguel de Seide, Setembro de 1879.*

CAMILO CASTELO BRANCO

## ADVERTÊNCIA

*A História natural e social de uma família no tempo dos Cabrais dá fôlego para dezassete volumes compactos, bons, de uma profunda compreensão da sociedade decadente. Os capítulos inclusos neste volume são prelúdios, uma sinfonia offenbachiana, a gaita e birimbau, da abertura de um grande charivari de trompões fortes bramindo pelas suas goelas côncavas, metálicas. Os processos do autor são, já se vê, os científicos, o estudo dos meios, a orientação das ideias pela fatalidade geográfica, as incoercíveis leis fisiológicas e climatéricas do temperamento e da temperatura, o despotismo do sangue, a tirania dos nervos, a questão das raças, a etologia, a hereditariedade inconsciente dos aleijões de família, tudo, o diabo!*

*O autor trabalha desde anteontem no encadeamento lógico e ideológico dos dezassete tomas da sua obra de reconstrução, e já tem prontos dez volumes para a publicidade. Mas é necessário a quem reedifica a sociedade saber primeiro se ela quer ser desabada a pontapés de estilo para depois ser reedificada com adjectivos pomposos e advérbios rutilantes. Para isso, o primeiro avanço é pô-la nua, escutar-lhe as lepras, lavar grandes actas das chagas encontradas, esvurmar as bostelas que cicatrizaram em falso, escoriá-las, muito cautério de frases em brasa. E o que se faz nas folhas preliminares desta obra violenta, de combate, destinada a entrar pelos corações dentro e a sair pelas mercearias fora.*

*São Miguel de Seide, Junho de 1879.*

## I

Havia na botica um relógio de parede, nacional, datado em 1781, feito de grandes toros de carvalho e muita ferraria. Os pesos, quando subiam, rangiam o estridor de um picar de amarras das velhas naus. Dava-se-lhe corda como quem tira um balde da cisterna. Por debaixo da triplicada cornija do mostrador havia uma medalha com uma dama cor de laranja, vestida de vermelhão, decotada, com uma romeira e uma pescocreira crassa e possa de vaca barrosã, penteada à Pompadour, com uma réstia de pedras brancas a enastrar-lhe as tranças. Cada olho era maior que a boca, de um vermelho de ginja. Ela tinha a mão esquerda escorrida no regaço, com os dedos engelhados e aduncos como um pé de perua morta; o braço direito estava no ar, hino, com um ramalho de flores que parecia uma vassoura de hidrângeas. Este relógio badalava três horas que soaram ríspidas como as pancadas vibrantes, cavas, das caldeiras da Hécate de Shakespeare.

O farmacêutico Eusébio Macário sentara-se espapado, com as carnes desfalecidas, à porta, num largo mocho de cerdeira com assento de junco roto, espipado, com uns esbeçamentos de palhiça muito amarelada do atrito. Havia grande calor enervante. O sol punha nas paredes clareiras faiscantes, cruas. Moscas zumbiam com asas lampejantes em giros idiotas; gatos agachados como velhos sicários pinchavam com muitas perfídias à caça dos pássaros nas densas verduras desbotadas dos arvoredos; canos chiavam nas terras baixas, barrentas, com grandes gretas de calcinações do grande Sol; os lentos bois nostálgicos vergastavam com as caudas ásperas os moscardos que os atacavam de entre os tapumes com grandes sedes impetuosas de frescores de sangue. Havia molezas e estonteamentos abafadiços no ar cheio de sensualidades mordentes. Lavandiscas esvoaçavam nas ourelas húmidas dos regatos, muito garbosas, com pipilações joviais; besouros azuis de tons metálicos luzentes rodopiavam em volteios curtos e muito sonoros; pardais abandonados infestavam as painçadas, dando pios hilariantes de bandidos canalhas; cerejas bicais vermelhavam as suas provocações sorridentes como beijos rubros de mulheres vitalizadas de lascívias aquecidas de bom sangue; pêssegos abeberados de sucos doces penujavam; varas de porcos com grunhidos regalados esfoçavam nas esterqueiras, banhando-se com grandes espalhafatos como odaliscas epilépticas de volúpias escandecidas; raparigas esguedelhadas, de narizes arrebitados, com as caras fuliginosas de suor e poeira, muito escaneladas, com olhos espantadiços, de secreções amarelas, saias de estopa suja, frangalhona, a trapejar nos canelos esburgados, guardavam bácoros, e davam gritos de um timbre muito agudo que punham ecos nas colinas batidas do largo sol; galinhas cacarejavam; galos de cristas escarlates e recortadas, arrastavam a asa com arremetidas parlapatonas de sultões. A Natureza estava cheia de mistérios amorosos e de uma grande espiritualização sensual.

Eusébio Macário ofegava, enxugava com o lenço de Alcobaça, pulverulento de meio-grosso em pastas esmoncadas, as roscas do pescoço que porejavam as exsudações da carne opilada de um farto jantar. Ele tinha feito anos neste dia e enchera-se de capão com arroz açafroado e de muito vinho de Amar ante, com muita aletria engrossada de ovos e letras de canela.

– Que não queria saber de histórias – pensava –; que a vida eram dois dias; quem cá ficasse que o ganhasse.

E dava arrotos muito cheios de gases e estrondos.

A filha, a Custódia, era uma rapariga pimpona, de muito seio e braços grossos, roliços, com pregas de carnação mole nos cotovelos e uma penugem de frutas mimosas que lhe punha umas tonalidades cupidíneas, irritantes. Ela andava cheia de desejos

animais; queria feiras e romarias com bailados de saracoteios desnalgados, pelintras; pedia socas de ponteira de verniz marchetadas de amarelo, com palmilhas de um es-carlate de carne viva, e casibeques sarapantões de listras rubras e amarelas; lavava as pernas, brancas como pedaços de marfim polido das velhas imagens e maciezas cetinosas, nos riachos, com grande desfaçatez e presunção; boleava-se num quebrar de quadris reles de servilheta; tinha cheiros de mulher suspeita com grandes lampejos crus de óleo de amêndoas doces nos cabelos em bandós e muitos ardores.

– Que queda a bela pândega – dizia –; que estava na flor da mocidade. Pudera! que a sua mãe não fazia outra. Pois não fizeste! que o gozar era agora; que depois de velha, contas e borracha. – E escancarava umas risadas vibrantes, sandias, sapateando com as mãos cheias de missangas, e fazendo trejeitos brejeiros, garotices, dando palmadas sonoras no ventre. Tal era ela.

O filho de Macário, o José Fístula, era caçador e fadista de tavernas sertanejas. Tinha andado para padre, e esbanjara a herança materna em Braga, em orgias de frigideiras e na boémia das Travessas, mulheres de saias engomadas que rugem, esfervilham, de penteados altos, untados, com muita caspa e fitas azuis, arrastam chinelos de ligas, com os calcanhares de fora a esbeçarem, com clavículas esqueléticas mordidas das herpes e dos vampiros das noites vinolentas, cheias de delírios devassos e indigestões de iscas de cebolada. Ele tornara para o pai com grande humildade faminta, de lázaro maltrapilho, com a camisa roída de imundície e a cara chupada de deboches e bebedeiras.

– Que se faria ladrão de estrada – ameaçava – se o pai o não sustentasse; que estava pronto a labutar na botica, pisando drogas no almofariz, e iria às ervas para os xaropes, que as conhecia muito bem. Pois não conhecia? Havia de ler a *Farmacopeia* do doutor Pereira Reis, e até – resumia – tinha tineta para boticário.

E o pai:

– Pra burro, pra burro é que a tens! – resmungava apoplético de cóleras, crescendo para ele, inflamado como um vulcão explosivo, com a cara biliosa, e muitas palavras de abominação e trejeitos de pai turbulento de comédia palhaça.

Depois, o Fístula portou-se bem, laborioso, inteligente. Ia à colheita das ervas na estação própria, e fazia manipulações, aviava receitas com limpeza, assobiando fados cheios de saudades das Travessas e dos seus condiscípulos malandros. Conhecia as flores do urgebão, em espigas filiformes, roxas, de sabor amargo, boas para cataplasmas com gemas de ovos nas intumescências do fígado; as urtigas, sedosas, cheias de tubérculos que espirram à epiderme um líquido cáustico, e que bem espremidas dão um suco muito medicinal na brotoeja; a alfavaca sudorífera; a arruda, muito oleosa, de um odor acre, muito usada em infusão pelas mulheres opiladas, amarelas, congestionadas, histéricas, com grande peso nas virilhas e zumbidos nas orelhas; a parietária vermelha, empubescida, acre, nitrosa, muito diurética; a malva emoliente, estimável em gargarejos e clisteres e nos semicúpios refrigerantes; o verbasco que frutifica umas cápsulas biloculares muito peitorais; a bardana dos monturos, de raiz fusiforme, tónica, sudorífera, antídoto das herpes; a salva, de flor violácea, aromática, muito provada nas esquinências, gargarejada com um golpe de mel; os grãos do funcho estriados, cilíndricos, famosos nas cólicas; a erva-cidreira, de aroma citrino, excitante, digestiva e antiespasmódica; a erva-moura que é narcótica; a hortelã vermelha, eficaz contra o reumatismo e nos narizes tapados por fluxões crassas; a mostarda, *sinapis nigra*, a do sinapismo, o divino sinapismo derivativo, revulsivo, que puxa às pernas o morbo do cérebro, dos olhos, da garganta; as bagas dos murtinhos para lavagem das impigens, cozidas e feitas em pó, muito antipútridas, contra chagas canceradas, crónicas; a tília para os chás das velhas que impam e anotam com grandes borborigmos de gases, e

dizem que têm flato. Conhecia todas as ervas e arbustos que secavam em tabuleiros na eira. E os porcos às vezes foçavam nas ervas e raízes, misturando-as; mas ele com o fino sentimento moderno eclético em terapêutica, colhia do sequeiro as plantas às manadas e atirava com elas às gavetas que tinham rótulos grudados, fonéticos em ortografia. Ele também manipulava o unguento de basilicão, derretendo o pez no azeite e na cera; e, quando o mexia no gral, zangava-se, dando ao diabo a farmácia, ou cantava fados com um grande azedume mefistofélico. Fazia ceroto de espermacete, com que se curam os cáusticos e as queimaduras; e o unguento de Genoveva e o da Madre Tecla, muito bom para amadurecer abcessos com o seu litargírio, e sebo de carneiro; não lhe punha a manteiga da fórmula porque preferia comê-la com pão trigo. Havia grande provisão em potes de unguento da Madre Tecla, receita que lhe ensinara o brasileiro da Casa Grande, muito atreito a furúnculos nas costas e na região sob e sobre; tinha de sua lavra muitos frascos de pomada mercurial de que ele gastava um terço no seu consumo próprio pessoal; enquanto o pai e o abade, inveterados nas hemorróidas, lhe gastavam em breves prazos o unguento de populeão em unturas, de cócoras, José Macário, o Fístula, trabalhava, regenerava-se.

Eusébio descansava contente no rapaz; tinha-se amolecido, chamava-o ao quarto e bebiam ambos uma garrafa da Companhia, muito manos; e, às vezes, o Fístula tocava-lhe um fado que punha tremuras involuntárias nas nádegas do pai; ao mesmo tempo a Custódia, lá dentro na cozinha, sacudida pelos bordões gementes da viola, fazia saracotes de quadris, batendo o pé à frente na atitude marafona de quem apara nos rijos fados batidos. Ela tinha no sangue um ardor de extravagâncias, uma herança viciosa de sua mãe, a Canelas, que dançava fandangos desonestos, e conhecia o *choradinho* de convivências suspeitas com o cirurgião, um romântico magro, da escola moderna, que o boticário espancara por motivos honrados.

Eusébio tinha gamão e damas; sabia fazer ladroeiras com os dados: jogava a pataco a partida, e dizia muitos anexins obrigatórios. O parceiro era o abade, um patusco, com chalaça, egresso domínico, o padre Justino de Padornelos. Tinha menos de quarenta anos, muito gasto e poído dos atritos sensuais, comido de vícios, com os fluidos nervosos degenerados e as articulações penas de reumatismo e outros ataques contingentes de sangue depauperado. Eusébio Macário teimava que o complexo das moléstias era resultado de espinhela caída complicada com flatulências. Contava casos, curas, milagres e queria pôr-lhe o emplastro confortativo. – E vinho do Porto – dizia categórico – pingas do velho, e carne assada na brasa para esse bucho quanta lá couber; e sopas de vinho, e de femeação pouco – concluía, e piscava o olho esquerdo.

Às vezes inflamavam-se-lhe os olhos, tinha purgações purulentas, sustentadas pelo uso da genebra e humores viciados de velhas contaminações; não saía do quarto e engolia muitas pílulas de família. O boticário ia então para a residência com o tabuleiro debaixo do braço e as pedras numa saqueta de chita amarela desbotada com os cordões gordurosos de surro suado.

– O rapaz? que tal? vai direito? – perguntava o abade.

– Que ia bem; que tinha pancada para a farmácia – dizia –; que já aviava receitas pelo sistema moderno das gramas; que tinha talento.

– Conhece-se – dizia o abade, enquanto encasava as pedras no tabuleiro – conhece-se; tem morrido muita gente há dois meses. – E de súbito arrogava o nariz, assaltado pela gota que lhe mordida o dedo grande do pé; e, tirando de repente o chinelo de ourelo, descalçava a peúga de lã parda, mostrava o pé rubro, cheio de cascarias calosas, muito crespo de joanetes.

– Este diabo! – dizia, arregaçando o beíço inferior com raiva; e estorcegava o dedo dorido – raios! Que lhe dessem a papa de linhaça! – berrava. A Felícia acudia

logo. Que lhe untasse com terebintina o artelho; e sossegava com dois gorgolões de genebra que bebia de uma botija que tinha à cabeceira entre o Breviário e o rol da côngrua, enquanto Felícia, de cócoras, o esfregava.

Depois, o acesso remitia; e ele consolado e cheio de bons sentimentos para com o Céu e com Felícia, confessava que lhe devia a vida a ela abaixo de Deus, e pedia-lhe água de malvas para os olhos, dava-lhe regueifa doce, vinho maduro, e palmadas de gratidão infinita nas ancas roliças.

Era uma mulherça frescalhona, de uma coloração sanguínea, anafada, ancas salientes, de trinta e cinco anos, muito lavada, a cheirar às frescuras do linho perfumado de alfazema. Ela amoriscara-se do padre, quando ele, no viço dos anos, saiu do convento, tomando para si todas as liberdades permitidas pela Carta. Tinha sido forte, grosso, feito na orelha suína e nos farináceos da sua aldeia; saía escandecido pelo muito bacalhau irritante do refeitório, com muito fósforo e iodo no sangue que lhe puxava pelos instintos. Ele era oriundo de Barroso, onde as mulheres são cabeludas como cabras, e têm as pernas grossas, cepudas com borbulhas escarlates como rocas de cerejas, e mostram nos cotovelos umas durezas como cascas de mariscos. Criara-se nas leiras que escorregam pelas espáduas dos montes, retouçava-se nos fenos como os lobos fartos, e aos dezoito anos uivava pelas fêmeas como os fulvos leões hircânios. Em estudante era forte no tema e na brejeirice com grandes brutalidades montesinhas. Não tinha ideal; era um estômago com algum latim e muitas féculas; lia as *Geórgicas* de Virgílio à sombra dos castanhais, de papo arriba, à perna solta, como um grande rafeiro aganado dos calores de Julho que regala o ventre nos refrigerios da bafagem.

O arrebol da tarde franjava de púrpura as agulhas da montanha; espinhaços dos últimos horizontes de serra recortavam-se como sentinelas nocturnas de um baluarte de ciclopes; espigões enormes pareciam braços hirtos dos legendários titãs a escalarem o Olimpo; Mas cerradas de pinheiros lá em cima nas cumeadas lembravam esquadrões de gigantes, pasmados, a olharem para nós, burlescos pigmeus, que andamos cá em baixo a esfervilhar como bichinhos revoltosos nas enormes podridões verdoengas do planeta. Ele olhava para tudo aquilo com cara de asno, não percebia mitos nem ideais, e pensava na ceia. Raparigas desciam das encostas ervecidas com rebanhos a dessedentarem-se nos ribeiros; cabritos alcandoravam-se em rochedos com balidos crebros e ginásticas gigantes; bois escorneavam-se com pancadas sonoras de uma dureza cava. E o Justino, o estudante, saltava dos valados sombrios à laia de sátiro, como tigre faminto do palmar, e enviava-se fremente às pastoras, dando-lhes abraços bestiais, hercúleos, e ferradelas cupidíneas, dissolventes, nos cachaços sensuais penugentos. Elas casquinavam risadas inocentes, fugiam, deixavam-se agarrar, botavam-se a ele, às três e às quatro, atiravam-no ao chão, caíam de embrulho, e espojavam-se todos, qual por baixo qual por cima, escoiceando-se, com uma candura bucólica digna de Rodrigues Lobo e de muito chicote.

Felícia não era bem dessas; estava a servir; não sabia a idade; dizia que nascera no tempo das castanhas, e que seu pai era miliciano de Chaves. Andaria nos dezasseis, e parecia de carne petrificada, rija, com um frialdade de metal fundido, e nenhuma morbidez feminis. O Justino nas mãos dela sofria amarfanhamentos rudes e boléus. Era possante, não se deixava abraçar, e um dia cascara com um engajo num oficial de diligências de Montalegre que lhe apalpara a polpa de um braço.

O noviço dominicano, às vezes, lembrava-se dela no Convento de Guimarães, e perguntava aos patrícios por Felícia, e queria saber se ela dera em droga como a do Coxo, e mais a do João Carrasqueira, duas perdidas que contavam a toda a gente que fora o estudante que as deitara à má vida – e leve o diabo o frade, diziam, e contavam casos, miudezas, vergonhas.



– Que não: que ninguém dizia dela tanto como isto – informavam – que era a flor das raparigas, a Felícia; e tão arisca para todos os homens que até se desconfiava que fosse do sexo masculino. E contavam anedotas, temeridades de apalpadelas repelidas com bofetões, o caso do sargento do 15, um malandrim de Bóbeda, que lhe oferecera a mão de esposo; e o do morgado de Escalão, um idiota vesgo, que lhe dava casa e horta e cadeiras de palhinha afora doze moedas e dois carros de milho por ano, um ror de coisas, se ela quisesse ser como as outras. E citavam-se três freguesias devassas como bordéis, raparigas que jejuavam, cortavam os cabelos, e ganhavam todos os jubileus com muitas rezas e um pataco de esmola.

O Joaquim António de Aguiar e o progresso puseram Frei Justino do Rosário na rua, e ele enfiou para casa com umas exultações sedentas de pecado e dava vivas à Liberdade, e à Rainha e Carta como se, em vez do convento, saísse da Cova da Moura.

Quando ele entrou nos limites da sua freguesia havia festa no ar; o sol levantava da uberdade da terra uma poeira de átomos luminosos que as boninas aljofaradas lhe enviavam com os seus aromas. Era Julho, um dia irritante, cantado pelas ceifeiras nas grandes campinas de centeio, loiras como lagos ondedados de ouro puro saído a torrentes do seio da Natureza. Os cantores da aurora – o melro de bico de ouro e lombo de azeviche; o tordo trigueiro, de peito amarelo, que tem o cantar triste da viuvinha; as toutinegras de dorso azeitonado e peito argentino bicavam-se nos pavilhões dos espinheiros, das giestas e dos salgueirais dos regatos. Estavam silenciosos nos seus caramanchéis, a carriça, da família dos *dentirrostris*, muito pequena, muito irrequieta, áspera no cantar, e de plumagem bela; o cuco, das *trepadeiras*, raiado de branco no ventre, pintalgado de branco na cauda escura, ave sinistra que colabora inocentemente nos adultérios, e tem cornos cartilagíneos, embrionários, ocultos nos tegumentos do crânio; o pintassilgo das melodias e das penas iriadas, o émulo do canário e das mulheres desvanecidas de formosas pelo amor que têm ao espelho; a poupa, que vem da Suécia, ou desfere o voo do alto das pirâmides dos Faraós, coroada de plumas negras e loiras; o estorninho, de pernas escarlates, bico de ferro, plumagem verde, azul e cobreada, com o dom de articular vozes como a pega, e grandes instintos para se domesticar e comer ovos de pomba; o galo, a ave linda dos pinhais, elegantíssima, com o seu martinete de penas alvíssimas e negras, peito cor de canela, asas iriadas de branco e azul, e o seu grasnido alegre, com muitas sensualidades petulantes, enforcando-se nos esgalhos das árvores quando se irrita, e cegando na congestão da cólera; e as codornizes, e os chascos, e os tanjardos, e os pardais, e as arvéloas, os piscos e os taralhões, todos estes músicos do Paraíso que conservam puras as notas dos seus cantares edénicos primitivos.

Frei Justino tinha jomadeado toda a noite, encavalgado num macho do Gaitas, o legendário alquilador de Guimarães. Ao luzir do sol ia cabeceando sobre o macho, a pingar de sono, e para não se amodorrar assobiava o hino de 20. O arrieiro ia cheio de aguardente que o frade liberalizava de um frasco empalhado que levava a tiracolo como o seu padre S. Domingos levaria os *Salmos* de David, os Evangelhos, a hinologia triunfal da Igreja, e os estatutos da Inquisição.

O sono estonteava-o, quando avistou Padornelos, a sua aldeia, as casinhas palhaças tsnadas das solheiras, a torre da igreja colmada, coeva do santo arcebispo que ali ensinara que a Santíssima Trindade não era irmã de Nossa Senhora, como lá cuidavam aquelas cristandades barrosãs. Mas Frei Justino já nem acreditava nesse parentesco nem noutra. A vitória final dos constitucionais incutira-lhe suspeitas de que não havia Deus, porque o prior do convento lhe havia asseverado que os inimigos do trono e do altar eram ateus perdidos, e ele, com perversa e estúpida lógica de mau frade,

concluía que a derrota dos realistas era a suprema evidência de estar despejado, roto, o céu. E cheio destas ideias e de poeira descavalgou, e lavou a cara num regato para espancar o sono.

A primeira pessoa que viu a descer pelo recosto de um mato com um rebanho de ovelhas, que o fitavam pasmadas numas atitudes palermas, era Felícia, a impoluta, com a roca à cinta, rodopiando o fuso, saía de linho muito fresco apanhada na cintura em refegos inquietadores da honestidade, e uns traços de pernas trigueiras, com redondezas de barrigas muito gordas, e um colete de chita amarela com atacadores vermelhos que pojavam para cima os seios muito intumescentes e mordidos dos beijos do sol, com alguns sinais de pulgas.

E o arrieiro lúbrico:

– Oh que fatia! Um peixão! Hem? Ó senhor frei Justino! Aquilo é que é obra acabada! Boa Verónica! – E outras pachuchadas.

Ela conhecera o frade; caiu-lhe o braço do fuso, e ficou pasmada com a farripa da estriga nos beijos a dar-lhe cuspo; e ele jubiloso, hilariante:

– Já te conheci, Felícia. – Que descesse à estrada; que estava uma moça perfeita; que tinha perguntado por ela ao almocreve Carochó, todos os meses, e sabia que ela era o modelo das raparigas honradas. Se se lembrava dele alguma vez; e ela – que sim, pois não havia de lembrar? e mostrou-lhe o anel de corais que ele lhe dera, na romaria de S. Bartolomeu, na ponte de Cavez; e que o achava mais chupadinho e muito rapado na cara; que já sabia que os governos o mandavam embora; e trejeitando gaifonas de risos lapuzes dizia que fora bom acabar-se o convento, e vir cá para fora espaiar-se; pudera! e divertir-se; que isto de frades, já o pai dela o dizia, era uma vida assim a modo de não sabia como, uma asneira.

Aquele encontro, na aba da serra, parecia uma passagem antiga, bíblica. O rebanho das ovelhas brancas como o velo de Gedeão, a rapariga meiga com as branduras do olhar de Rebeca e Rute, e mais o frade escanchado no macho do Gaitas, a fugir da bíblia para o mito, por dar uns longes de Sileno. E o arrieiro de olhos acirrados, vorazes, um subalterno grotesco do *Cântico dos Cânticos*, achando aquela Sulamita barrosã, mais doce do que o vinho de Cabeceiras de Basto.

Disseram adeusinho, até logo, com muitos acenos. E o arrieiro queimado de concupiscências bestiais:

– Sim, senhor, é um bocado de coisa muito limpa! Pode-se ver, o diabo da mulher! Terra que dá desta fruta é boa terra. Ficaram-me os olhos no berzabu da moça! Tem ventas! e que pernas! – e outros canalhismos de sensualidades tarimbeiras que faziam rir o frade às escâncaras, como quem estava sequioso de pilhérias plebeias, reles.

## II

Deu de si o temperamento sanguíneo, explosivo do egresso; era de esperar; a vocação golfou sórdida do homem como salta o sapo asqueroso do rochedo rachado. Arrifava a todas, era uma razia no mulhierio de Barroso, um paxá, um galo, um deboche.

A mãe do Justino não podia consolar-se da queda da religião e da libertinagem do filho. Pegou de secar-se, um grande fastio, ventre muito desarranjado, e acabou-se-lhe o pavio da vida. O egresso caiu em si, picaram-no escrúpulos, remorsos, e andou algum tempo cismático e muito mordido na consciência. Incomodava-o a ideia de Deus; dava-lhe na alma umas navalhadas fundas o temor da outra vida. – Se havendo Deus haveria inferno? – cismava. – Se havia Deus, como se mostraria ele à criatura a não ser pela sua justiça? E como se mostraria justo, a não ser castigando o crime e premiando a virtude? Ainda lhe restava esta prancha do naufrágio – o raciocínio, uma coisa boa e única que lhe ficara da lógica e da metafísica do Genuense. Ele tinha pai, um trôpego, que fora valente jogador de pau, e matara, quando era rapaz, um puxador muito bazófia de Cerva, na sanguinária romaria de S. Bartolomeu. Remorsos tardios encaneceram-no quando adiante do espectro da morte lhe saiu a abantesma do assassinado, com o peito aberto até às costas por um palmo de aço da choupa de um marmeleiro. Ele esperava remir-se do inferno pelos merecimentos do filho que fizera frade para ter santo na família que o protegesse. –O frade é aquilo que vocês estão vendo – dizia com muito azedume – é um meliante pior que o diabo; até se embebedava; deu cabo da mãe, e eu não tarde.

E sujava os olhos com o canhão da jaqueta de saragoça de varas limpando duas lágrimas gelatinosas. Via-se só. Casara um filho em Basto e uma filha na Terra Quente. Andava aparvalhado pelos matos com a sachola ao ombro. O seu único alívio era petiscar lume com um fuzil num sílice, e acender na isca cigarros uns atrás dos outros; a tossir sempre uma expectoração dos bofes requemados.

O egresso definhava-se adoentado de imaginações e dava-se à aguardente de medronho para diluir a bílis negra. Tinha dores de cólica, enxaquecas, uma canseira que ate os vícios lhe entediava. Pegaram-lhe umas sezões de mística, uns terrores das penas eternas. Visões de demónios, cataduras horrendas de alimárias atacavam-no em sonhos. Uma vez, era um javali cerdoso, assanhado, que o perseguia numa mina estreita, negra, com as paredes eriçadas de ângulos de granito que lhe raspavam nas carnes; o javali dava bufos e roncões de um pavor ferino, farejando-o e aquecendo-o com as lufadas das expirações ofegantes. Ao cabo da mina tropeçou num esquite, abriu-o para se esconder às iras da fera, e achou dentro um cadáver, uma massa fria, espapaçada, apodrecida. Deu um grande solavanco, acordou e rolou ao chão, com os olhos esgazeados, a cuidar que o seu capote de camelão de quatro cabeções pendurado num gancho era o javali, de pé, cosido com a parede da mina. Daí a dias não se pôde levantar, estontado, febril, com as goelas secas, e um grande ódio ao álcool e ao bacalhau assado com alhos. O cirurgião pô-lo a caldos e a laxantes heróicos, muita mamona, escamoneia e jalapa. Não havia quem o tratasse. O pai, com o seu egoísmo de velho achacado e raiva senil às sensuais brejeirices do filho, chegava-se pouco ao catre onde o febricitante esperneava, invocando alternadamente deuses e diabos com reveses de compungimentos cristãos e de raivas muito pagãs. A criada que cozinhava era uma sostra, não sabia fazer caldo de franga, deitava-lhe azeite e comia metade, lavando pouco as tripas da ave. Ele atirou-lhe com a malga cheia daquela água gordurosa, chamando-lhe borrachona, porca e estupor maligno. Ninguém o queria servir. Felícia foi visitá-lo, e desatou a chorar quando o viu febril, com os olhos esbugalhados, encarniçados, a suar, praguejando, que o matavam,

que morna para ali como um cão vadio, sem ter quem lhe chegasse uma tigela de sustância de galinha, uma miséria!

E Felícia compadecida:

– Se quer, eu venho fazer-lhe os caldos, que isso sei eu fazer a preceito.

– Pois tu deixavas os amos? – fez ele alvoroçado.

Que não deixava os amos; mas que vinha fazer-lhe os caldos duas vezes ao dia, ou mais, se fosse preciso; e, se em casa a não deixassem, que se despedia; que não lhe faltavam casas, e pouco tempo havia de servir porque o seu irmão Bento, que estava no Brasil, tinha-lhe mandado escrever que, assim que estivesse com loja sua, a mandava ir para onde a ele, e já lhe mandara cinco moedas de ouro para um cordão, e ela comprara uns touros em que ganhara moeda e meia, de uma feira para outra, e comprara então um cordão... – Uma maçada que o padre apreciou delicado, e tais melhorias sentiu no estômago que apeteceu um pescoço de galinha envolto na sua epiderme enxundiosa de gorduras amarelas, e beberricou do maduro.

Sucedeu a segunda hipótese de Felícia. Os amos tinham birra ao padre, homem de má vida – murmuravam – um animal, sem religião, que mal se lhe enxergava a coroa, nem sabia dizer a missa perfeita, não confessava ninguém, tinha amigas, e pusera a mãe na cova com desgostos.

E a moça insistente: – Quer não; se vocês me não deixam ir fazer-lhe as sustâncias, vou-me embora.

Chamaram-lhe perdida, que estava arranjada, que era como a do Coxo, e a Carrasqueira, uma cadela sem vergonha; por isso ela não tinha querido casar com o sargento de Bóbeda – recordavam sarcásticos – que estava à espera do frade, a Inês de *Carasto*.

Esta última afronta decidiu-a; saiu num ímpeto de honesta iracúndia, e contou ao frade, lavada em lágrimas, retorcendo os braços e as mãos em atitudes muito deplorativas, que até Inês de *Carasto* lhe chamaram!

E ficou.

O enfermo foi melhorando envolto nos olhares cariciosos de Felícia e em papas de linhaça. Ela sentava-se à beira do leito de bancos, o catre primitivo, duas tábuas sobre oito pés em bruto de castanho e quatro tábuas longitudinais com um enxergão de palha centeia. O fuso zumbia tangido rijamente pelos dedos calosos da rapariga, cruzava as pernas de um torneio escultural que a chita barata, transparente, não disfarçava, cingindo-se às curvas com o impudor moderno de hoje em dia. Conversavam baixinho. Ele tinha vistas, planos de vida regalada, longe da sua terra, que ele chamava um espigueiro de bêbedos e de bêbedas. O pai entrava às vezes, achava-os naquelas murmurosas confidências, saía corrido, e de si consigo ia resmungando: – Ah! boa moca! Pouca-vergonha! pouca-vergonha! – E, se lhe falavam neles: – Que os leve o diabo a ambos. Assim que ele se puser a pé, fora daqui! Capaz de ir a Braga, falar ao senhor arcebispo, sou eu. Maroteiras cá nas minhas barbas isso é que não. Vai a arrocho e mais ela... Vão para o inferno! Escavaco-os! Escavaco-os!

Felícia, assim que o padre se ergueu convaléscente, saiu da freguesia, e foi para a sua terra, dali obra de meia légua, onde tinha um casebre colmado com a sua horta. Padre Justino dos Padornelos, denunciado pela cainçada dos lavradores, dizia-se, entrava e saía de noite com resguardo exemplar, numa grande concordância com S. Paulo: «que se não era casto, fosse cauto». Acautelava-se em mais de um sentido; ia com grande fé no preceito do santo e num clavinação de dois canos, por causa dos lobos, que são os policias importunos aos vagabundos nocturnos daqueles sítios.

Uma noite de Novembro caía neve, e os aspectos do céu profundamente frio

tinham umas estrelas trémulas, lucilantes, e um luar álgido que dava às concavidades nevadas a claridade nítida de uns lagos de prata fundida. O padre vestia polainas de saragoça assertoadas, tamancos ferrados e suspensos nas fortes presilhas das polainas, jaqueta de peles e uma carapuça alentejana escarlate, que lhe abafava as ore-lhas. Debaixo da lapela da véstia resguardava a escorva da clavina, e caminhava curvado com as mãos nas algibeiras e os olhos vigilantes nas gargantas dos serros. Uivos longínquos de lobo ouviam-se e punham-lhe vibrações na espinha, e um tenor grande naquela imensa corda de serras, onde ele, àquela hora, se considerava o único ente exposto a ser comido pelas feras esfomeadas. Pulava-lhe o coração. Ao trepar a um outeiro, entaliscado de rochedos que parecia resvalar de encontro a ele, ouviu o uivo ali perto, para lá da espinha do serro. Tirou a clavina do sovaco, e lívido, com a sensação estranha do fígado despegado, meteu o dedo tremente, automático, no gatilho. Fez um acto de contração; provava quanto as religiões são importantes, urgentes, nas crises, nos conflitos sérios do homem com o lobo. Esperou. A fera assomara na lomba do outeiro, recortando-se esbatida no horizonte branco com uma negrura imóvel, sinistra: parecia um bronze, um emblema de sepulcro. Ela quedou-se por largo espaço num aspecto de admiração, de surpresa. Depois, descaiu sobre as patas traseiras, com ates contemplativos, de uma pacatez fleumática. Mediam trinta passos entre a fera e o frade. Estava ao alcance da bala o lobo; mas o frade, caçador astuto, manhoso, receava perder um dos tiros. Pôs-lhe a pontaria com um gesto de espalhafato; dava gritos como quem açaia cães: «Boca! pega! cerca! Aí vai, lobo!» Ecos respondiam; e a fera, menos versada na física dos sons reflexos, olhava crespá, espavorida para o lado em que repercutiam os brados. Ergueu-se, e desceu mui de passo, com uns vagares irónicos, com a cauda de rojo e o dorso eriçado, a ladeira da colina. O padre via-a negrejar na linha flexuosa do declive. Pensou retroceder; mas o lugarejo de Felícia estava mais perto que a sua aldeia, e para aquele lado latiam cães de um faro que adivinha o lobo antes de lhe ouvir o uivo, e o fariscam pela inquietação das reses nos currais. Trepou afoito ao teso do outeiro: ganhara ânimo; bebera uns tragos de aguardente de uma cabaça atada com o polvorinho no correão. Sentiu-se capaz de afrontar o rebelde, se ele o não respeitasse como rei da criação, segundo afirmativas de teólogos que nunca viram lobo. Do topo olhou para baixo: não o avistou. Carcavava-se um algar emaranhado de bravio espesso onde se embrenhara. Estugando o passo, ganhou uma chã ladeada de extensas leiras de feno alvejantes como um estendal de lençóis; e quando olhava para trás receoso, viu a alimária, a grandes passos, com a cabeça alta, atravessar a leira da esquerda, parecendo querer cortar-lhe o passo na estrema do caminho que entestava com a aldeia. O padre agachou-se, coseu-se com o valo de urzes e giestas que formavam o tapume das terras cultivadas, e muito derreado, arquejando com o dedo no gatilho, e a fecharia rente da barba, caminhou paralelo com o lobo que o farejava de focinho anelante e as orelhas fitas; e assim que a fera passou de perfil em frente do tapigo, o rei da criação, que o era pelo direito do bacamarte, despediu-lhe a primeira bala com a destra pontaria de quem havia já morto águias com zagalotes. O lobo, varado pela espádua até ao coração, decaiu sobre um dos quadris, escabujou em roncós frementes, espargindo flocos de neve, ergueu-se ainda inteiriçado numa grande agonia, e morreu.

A Felícia não caiu aos pés do matador de feras subjugada pelo assombro da intrepidez, com frases soluçadas de ternura. Voltou-se para um registo do Senhor do Monte, encaixilhado, sem vidro e muito pintalado das moscas, e rezou com as mãos postas e um grande fervor de reconhecimento pela concomitância que o Senhor do Monte tivera na morte do lobo.

Cães latiam em grande grasnada na chá onde jazia o lobo, quando o padre, ao pintar da aurora, regressava; conjecturou que fossem caçadores matinais, e desviou-se do trilho para que o não conhecessem. Eram as matilhas de galgos e coelheiras dos morgados de Montalegre, homens muito fragueiros, de uma bruteza selvagem, antiga, que nas grandes neves saíam para as serras a matar a mocadas a lebre e o coelho enregelados, famintos nas colheitas, e no côncavo enxuto das urzes, quando o gelo lhes fechava os buracos das luras. As matilhas assanhadas ladravam ao cadáver do lobo, e algum cão mais ousado puxava-lhe pelo rabo, sacudindo a cabeça com frenesi. O lobo foi disputado aos caçadores pelos habitantes da aldeia vizinha, que tinham direito a 6\$000 réis com que a Câmara gratificava o matador; mas os de Montalegre diziam que aparecesse o homem que o matara; e estavam a termos de o levar, porque o morgado de Corujão, dado a pompas venatórias, lhe queria a pele para tapete da cama e falava em lhe embalsamar a cabeça. Nisto, Felícia, para desatar as dúvidas, disse em segredo a umas quatro vizinhas que quem matara o lobo fora o senhor padre Justino dos Padornelos. Espalhou-se logo o caso, foi muito admirada a valentia do padre, e um lavrador abastado, o Chanca, mandou uma cabra e um cabrito de presente a Felícia, e que dissesse ao senhor padre que se precisasse de alguma coisa, ele estava às ordens para o servir, e que assim é que se queriam os homens. Daí por diante Felícia, quando ia a um cerco, romaria ou festa de igreja longe, o povo, apontando para ela, dizia: «aquela é a fêmea<sup>1</sup> do padre que matou o lobo».

---

<sup>1</sup> Em Terras de Barroso e nas limítrofes a mulher em mancebia é uma *fêmea*; reduzem-na às condições mais fisiologicamente animais que podem. A casada não é fêmea nem mulher; é a *patroa*. «A minha patroa», diz o marido.

## III

Padre Justino Gonçalves ganhara amigos com a morte do lobo. Admiravam-no até ao culto, uma idolatria medieval, a força bruta, o arrojo de palmilhar serras medonhas cavadas de fojos rasos de neve, por alta noite, e remeter para um lobo, matá-lo, seguir seu caminho, o destino do seu coração valente, e não fazer alarde da façanha para não difamar os créditos da moça. Dizia-se isto na serra, em palavras mais singelas, sem as condicionais da moral, das conveniências, com que nós, os cultos, costumamos virar do invés as acções extraordinárias, a fim de nos desculparmos da nossa incapacidade para matar lobos.

Era em 1840. Começava a grassar a facção cabralista. Havia eleições disputadas entre chamorros e outros que significavam ideias políticas muito diuréticas – a diabetes de patriotismo que os outros curavam a fricções secas de cacete. Padre Justino entrou na política, e arrebanhou consigo todos os fetiches da sua façanha. O galopim fermentara-se evolutivamente da podridão do lobo. A autoridade superior do distrito chamara-o, honrara-o com confidências, abraços, promessas e alguns dinheiros do cofre para avinhar o sufrágio. O Governo, cuja alma era Costa Cabra!, venceu; e o egresso logo depois foi colado abade nas terras ubérrimas de Basto, em uma freguesia muito rendosa, S. Tiago da Faia, rica de passais, fregueses pouco trabalhadores, mulheres encharcadas no pecado, nem místicas nem hipócritas, inimigas do confessor e de maçadas ao domingo na igreja.

Felícia governava a casa, criava cevados, muito atarefada, videira, mourejava em teias, recolhida consigo, não mexericava, não conhecia ninguém, e tinha ralações de ciúmes. O abade, na pujança da idade, muito sadio, dava trela aos instintos frascários; as freguesas eram um rebanho muito gato de ovelhas tinhosas, desgarradas do redil da castidade, à semelhança da Canelas, mulher do Eusébio da botica. Que o abade também colaborara nas ossificações notáveis do farmacêutico, rosnava-se. O cirurgião, o tísico, pagara por todos, dizia-se.

Ela, a Felícia, habituou-se; mas a perfídia doía-lhe; o seu amor baixou às temperaturas vulgares – o amor convencional das honestas esposas traídas. O ingrato expiava amolentando a forte musculatura nas diluições da concupiscência, dando à carne amortecida cargas eléctricas de álcool, bebendo vinhos inflamatórios, incendiários, com iguarias fibrinosas, pingues, muito saturadas de espécies. Irritações de bexiga, congestões biliosas, enterites crónicas sucederam. Cavou-se-lhe o rosto, veio a dispepsia, o reumatismo, muitas perturbações intestinais e serosidades oftálmicas.

Tal era ele, quando punha em ordem as pedras no gamão de Macário, enquanto Felícia lhe friccionava o artelho com essências enjoativas, fétidas.

Falaram de Custódia. O abade gostava de falar de Custódia, que era muito patusca – dizia sorridente – e admirava-se que ela não tivesse feito asneira com tantos exemplos e patifarias da freguesia; que era mais entroncada que a mãe! – grande mulher que também fora a mãe! – Eusébio não dizia nada; saudades e raivas ao mesmo tempo oprimiam-no. Estava viúvo havia dez anos; não pensara mais em casar-se; amara de vez, aquela doida, que fora morrer à Tamanca um recolhimento de Braga, onde se repurgam viciosidades e as carnes se adelgaçam em ascetes depurantes. Filhas de lavradores fados, bem comportadinhas, boas caras, deitavam-lhe o rabo do olho, provocavam-no, atirando-lhe abraços de vides, suspiros e lágrimas de pingentes escarlates, quando ele, o viúvo, ao canto da botica, pisava drogas no almofariz. Tinha incêndios temporários na sua organização sanguínea; aseteavam-no cupidos luxuriosos, de entre os seios de moças chorudas, desempenadas, com derrengues de cintura muito

voluptuários; e ele – que não, que não queria casar-se segunda vez, credo! que todas as mulheres eram fracas, escorregáveis! E vivia casto, comendo à tripa forra, cevando-se à larga, como desforra, e dormindo sonos apopléticos, muito roncados, à hora da sesta, com o lenço vermelho na cara cheio de moscas e resíduos pulverulentos do meio-grosso.

De Custódia dizia que era da casta da mãe quanto a luxos: exigia chitas caras, jaqués de veludilho, puxava para a grande, tinha muito palanfrónio, espevitava-se, e falava em vender uns touros que lhe dera o padrinho, o Manuel da Bouça, para comprar um manicórdio como o da filha do brasileiro da Casa Grande. Ah, bom arrocho! – acrescentava; e voltado para Felícia, depois de fazer casa no gamão com 4 e 6, dizia:

– Vossemecê, que é mulher de juízo, tire-lhe do miolo as aranhas; meta-a cá por casa; diga-lhe que se deixe de manicórdios e bote teias, que trabalhe, que castigue o corpo com a canseira da casa, que eu não a criei para senhora, percebe? Eu ainda posso comer o que tenho – ajuntava, explosindo arrotos aziumados de salpicão.

Mas Felícia tinha ciúmes de Custódia, ciúmes das olhadelas faiscentes, mordentes, do abade. Bem sabia que a moça não se penteava para ele; mas não queria comparações, confrontos, hipóteses sensuais no espírito do padre, uma ruína em que os ratos da lascívia roíam sempre na medula dos ossos cariados. Ela calava-se às recomendações de Eusébio, ou dizia que a Custodinha era amiga de chalacear mas tinha propósito; que o melhor era arranjá-la com algum praticante de botica para ficar no ofício, visto que o pai pensava em meter na cirurgia o filho, o Fístula.

Assim era; porém, não o queria formado em escolas modernas, como o outro, o Viegas, o contuso a fueiro, o da Rosa Canelas, e vários outros que saíam dos estudos, dizia, cheios de bazófia, com muitas farfalhices modernas, e doente que lhes caísse nas unhas era defunto. Contava muitos casos de moribundos a que ele valera, com as suas receitas; questões que tivera com doutores garraios, uns burros que receitavam moxinifadas de França, e o Lacroix, um purgante que relaxava a máquina interior, e punha o enfermo na espinha, desfazendo-lhe o fato. Ele chamava fato aos intestinos baixos, e tudo o que estava para cima era bofes.

Queria que o filho fosse praticar a cirurgia no Hospital de S. Marcos com cirurgiões antigos, experientes, que conheciam as ervas medicinais. Depois, tencionava dar-lhe as suas receitas, e ensiná-lo a distinguir as variadas almorreimas, a natureza das impigens, os cursos diversos, a bicha solitária, as obstruções das mulheres, as quebraduras, as hérnias, estilicídios, dores de rins, acrimónias, e o mais que tinha escrito no livro que era uma mina, que não o dava por um conto e quinhentos, gabava-se.

Ele, quando bateu no cirurgião adúltero, vingava a sua honra de marido e a sua ciência medicinal, ultrajada pela galhofa do doutor. Ele tinha uma grande celebridade adquirida na cura das almorreimas, de lombrigas, curava fígados no lado esquerdo, e cursos de toda a casta, diversas comichões, em alporcas era infalível, e tinha receitas para moléstias secretas que nunca falharam. Herdara o receituário de seu avô, que praticara na botica dos frades de Santo Tirso, onde se faziam descobertas terapêuticas miúdas e milagrosas na cura daquelas últimas moléstias. Tinha um códice manuscrito, brochado em pergaminho muito besuntado do surro de três gerações de boticários instruídos.

Curava asma com pós de baratas fritas e torradas; e para escrófulas mandava cozer uma lagartixa viva, e pendurá-la num saquinho ao pescoço do doente; e assim que a lagarta se pulverizava de seca, as alporcas fechavam-se. Não havia hemorróidas que resistissem às folhas de S. Caetano e de *corona-christi*, umas folhas que o cirurgião, cheio das ignorâncias da botânica moderna, desconhecia e desacreditava, dando gargalhadas imbecis, e dizendo à Rosa Canelas que o marido era um lorpa impagável.



Mas na cura das obstruções, isso era um malho: curava-as com pós da ponta de corno de boi e do queixo esquerdo de certo quadrúpede; e daí veio dizer o clínico, espancado por mais de um motivo justo, que o boticário não precisava de comprar as drogas com que desobstruía as suas clientes.

O Fístula resistia ao absurdo da formatura no hospital: achava isso pulha; – que já não havia cirurgiões por esse feitio, queria formar-se na Escola do Podo; prometia ganhar os primeiros prémios, dar brado no País. Ele exultava com a perspectiva do Porto. Conhecia de fama o botequim do Pepino em Cima do Muro, onde o fado batido deitava à madrugada, com entreactos de facadas e muito banzé.

Eusébio fazia esgares reaccionários: – que não queria doutores das escolas modernas; citava a ignorância do Viegas, a grande mortandade que ele fizera no concelho em três anos que tivera o partido; comparava-o com o Maneta, um cirurgião antigo, do tempo dos franceses, que andara nas ambulâncias do exército anglo-luso, e perdera o braço esquerdo no Buçaco. Mostrava o receituário do grande físico e queria que o filho o estudasse. O pai encarregava-se de lhe ensinar as moléstias; e ele que aplicasse as receitas. A cambada moderna – dizia – não conhecia os unguentos milagrosos do Maneta: o unguento *Apostolorum*, assim chamado por se compor de doze simples; o unguento Camelo, recomendado pelo imortal físico Duarte Madeira, muito entendido em antídotos mercuriais; o unguento da Condessa, desopilativo do baço; o azougue de Falópio; de cabaça; de cascas de castanhas; o egipcíaco; o Forte *absoluté*; o Marciatão; o refrigerante de Galeno; e outros de virtudes miríficas que se lhe estragaram nos boiões amarelos, vidrados, desde que o Maneta fora substituído por Viegas, o magro adúltero. Este súcio – continuava Macário com iracúndia – não sabia nada de xaropes; desconhecia o xarope bizantino *absoluté*; o de Agostinho, médico famoso de Segóvia; o de chicória de Nicolau, outro doutor celebérnimo de Florença; o de língua-de-vaca; o de polipódio; o de Rei; o pérsico de nove infusões; e o de Sabor, rei dos Medos, que o inventou. E erguendo a voz, com gestos violentos e raivas de sábio ferido por modernices estólicas, invectivava Viegas, acusando-o de receitar pílulas estrangeiras, desprezando as nacionais, experimentadas no espaço de dois séculos, como eram as pílulas artéticas; as de hermodáctilos maiores e menores; as magistras de aço; as pílulas *sine quibus*, muito purgativas, compostas de citrinos, québulos, beléricos, emblicos, agárico, escamoneta – uma maravilha com que Eusébio – afirmava – era capaz de laxar as tripas ressequidas de um elefante; e as pílulas fétidas maiores, chamadas assim porque fedem. Ignorava igualmente o que fosse óleo de lacraus, de Aparício, de rãs e de víboras; não sabia nada de oximéis, do *Electuarium Letitiae*, de trociscos, de alcaparras e lupatório; ria-se do bolo arménio, do emplastro capucho, do de D. João de Castelo Branco, do diafenicão, do de ninho de andorinhas, do *gratia Dei*. Que nunca receitava um cozimento dos infalíveis na terapêutica do Maneta, de chorada memória; e metia a ridículo o cozimento para ajudas de ameijoada; o cozimento colérico, o fleumático, o melancólico, o carminativo: ignorava tudo isto, e não se lhe via nas receitas uma palavra em latim, o burro!

O filho ouvia-o com um sorriso moderno, indisciplinado, avesso à autoridade. Tinha bebido inconsciente nas fontes novas, sentia-se repassado de intuições de *vita nuova*, teimava em dizer que os unguentos e os xaropes do Maneta não prestavam para um diabo. Eusébio Macário olhava, rutilando áscuas de cólera, para o José Fístula, e com um sorriso de dentes ferozes e muito chumbados, e de gengivas cheias de abscessos, rosnavava: – Grande cavalgadura!

Espreite-se o Fístula no seu temperamento, no sangue, segundo os processos, na hereditariedade, nos fluidos nervosos que tem do pai, talvez do avô, provavelmente da

mãe, e não será abusar de fisiologia indagar-se o que há nele da avó.

A avó materna, a Pucarinha de Penaguão, andara com a tropa no tempo dos franceses, uma vivandeira suja, possante, de tamancos, com brotoeja na cara e uma chaga suspeita num joelho. Ficara em Chaves com taverna, cozinhava para os sargentos de dragões, e tinha filhos de um furriel pelintra que sustentava e em quem batia. O Fístula tinha desta avó a brotoeja, a musculatura; e do avô o pendor para a tasca, a paixão furiosa das taverneiras de pernas rubras e espáduas roliças. A mãe, a Rosa Canelas, legara-lhe no sangue os quebrantos lascivos dos lunduns, *malagueñas*, boleros desnalgados, aprendidos em Verin e os batuques e os fados do Viegas facultativo. De Eusébio Macário tinha carne espessa, o cérebro caliginoso, fechado, impenetrável, a testa esquinada, e a grande protuberância occipital, crespa de exostoses, cheia de bossas, de predominâncias canalhas. O avô escoiceava-lhe o instinto quando ele pedia a Felícia dois pintos emprestados ou um pires de marmelada; a mãe palpitava-lhe nos ilhais quando, de repente, largava a mão do almofariz e começava a sapatear fados, e a berrar desentoado palavras do conde de Vimioso a Severa:

*Zora lá na mansão celeste  
Com a viola na mão,  
Farás dos anjos fadistas,  
Porás tudo em confusão.*

A Custódia, que estava em cima a engomar as saias e a cismar no manicórdio, largava tudo, punha as mãos nas ancas, bamboava-se, e expedia da garganta muito afinada para canções garotas a trova que ouvira ao Cosme, estudante de Coimbra, filho do brasileiro da Casa Grande:

*Ai! Olá, da parte da ronda,  
Faça alto! ninguém se bula!  
Que eu quero ver miudamente  
Ai! quem é toda essa matula.*

E *zás-trás*, palmadas rijas, um rebater trémulo de calcanhares no sobrado, e uma casquinada explosiva, uma doidice. E o irmão, em baixo, com o agarro ao canto da boca, e o joelho no ar com o pé sobre o gamão, e a viola na coxa, cantava pungido, com intercadentes ais soluçantes, a apoteose toda da Severa, e a da Escarniche, que

*Nascera num berço d'ouro  
E não teve uma mortalha.*

Sabia o martirológio todo do Bairro Alto, tinha comiserações profundas por estas deserdadas, antecipara-se em condoimentos da corja das loureiras célebres às plangências de Hugo e de Dumas, filho. Era o sangue da avó e da mãe que lhe punha na voz o tom elegíaco das enormes tragédias. Um bandalho – dizia o abade quando ouvia, noite alta, zangarrear na viola, e depois uma toada rouca de laringe rachada por nicotina e álcool:

*Ó sabia, dá-me um beijo,  
Que eu te darei um vintém...*

## IV

O brasileiro Bento José Pereira Montalegre tinha mandado ir a irmã, a Felícia, para Vassouras. Dizia-lhe que estava sócio do comendador Borges, um vizinho deles, que tinha fugido da terra por ter furtado um porco ao Barandas. Felícia lembrava-se, e dizia:

– Um grande ratoneiro, andava esquadrihado, a pirangar pela freguesia, e chegou a isso!

O abade lia a carta: «Fizemos sociedade de trezentos contos fracos, em engenhos de café moído a vapor, açúcar e aguardente. Venha você para mim, que quero casar aqui bem ela. Mando ordem de dar dinheiro a você a meu correspondente do Porto, Araújo & Filhos, Rua dos Ingleses. Vá mana em casa dele.»

– Pois não fostes! – atalhou Felícia.

– Vê lá! – fez o abade. – Que não queria tolher a sua felicidade; que era tão amigo dela que morreria de saudades, mas que, primeiro que a sua vida, estava a fortuna dela.

Felícia enxugava os olhos com o avental, dava soluços, afogavam-na, queria queixar-se, dizer-lhe que ele parecia não se importar que ela fosse.

Explicavam-se de parte a parte, comovidos, à competência de protestos, ternuras, inclinações de cabeça recíprocas nos peitos em atitudes apaixonadas, e resolveram responder-lhe – que ela devia muitas obrigações ao senhor abade de S. Tiago da Faia; que lhe estava governando a casa; que ele era doente, sem família, e não o podia deixar assim.

Eusébio Macário escreveu a resposta ditada pelo abade, e pediu licença para acrescentar à palavra *doente*: «e quem o trata é quem esta escreve, Eusébio Macário, farmacêutico aprovado por Sua Majestade fidelíssima que Deus guarde».

– E me guarde a mim dos seus remédios – ajuntou, galhofeiro, o abade.

Isto foi em 1844. Cartas de Vassouras vieram queixosas, mas com alguns dinheiros que Felícia punha em cordões, em touros e cevados que negociava. O Bento em 48 também saiu comendador, dera quatro contos para os asilos, moeda forte, e mandara ao correspondente Araújo & Filhos, Rua dos Ingleses, Porto, que lhe mandasse abrir as suas armas num anel de ouro sobre uma chapa do tamanho de uma fava pequena.

– Que à fava devia ir o Bento – dizia Araújo & Filhos.

Mandou ao Molarinho que lhe abrisse as armas do comendador Bento José Pereira Montalegre; repetia a fava, mandava a medida do dedo anular, uma argola de papel que parecia a medida de uma pulseira. O Molarinho mandou saber como queria ele as armas. – Que o armasse como soubesse – respondeu Araújo & Filhos, muito velhaco, cheio de inveja da comenda, e dizia à mãe dos seus sócios: – Este pulha, o Bento, com armas reais em anel! Está tudo perdido!

O Molarinho não achou no índice alfabético dos apelidos nobres o *Montalegre*. Esteve para criá-lo, inventá-lo, um *monte* batido do largo sol, matizado de boninas, com recamos de flores amarelas de giestas e florescências roxas da urze, um monte risonho, *alegre* – «Montalegre». Mas receou exceder a missão da arte na cooperação dos fidalgos. Como ele também era *Pereira*, gravou o baixo-relevo do brasão do condestável, dos Braganças: em campo vermelho uma cruz de prata floreteada e vazia de campo; timbre, uma cruz vermelha também, floreteada e maciça entre asas de ouro abertas. Eram as armas de el-rei D. Afonso-o-Casto, e de seu sobrinho Forjaz Vermui, avoengo de D. Nuno Álvares Pereira, e do Bento José, talvez.

As gazetas tinham falado no donativo e na mercê régia concedida ao nosso

benemérito irmão de além-mar. Um correspondente de Chaves, cheio de ódios aos actos ministeriais, metia a riso a graça e o agraciado, descosia-lhe a geração, contava que havia gente que lhe conheceu o pai soldado de milícias, e a mãe uma cabreira de Barroso, e que ele tinha em Portugal uma irmã que de pastora de ovelhas passara a ser ovelha gafada de pastor.

Esta maledicência de uma chocarrice emporcalhada e típica das oposições políticas nesta terra dos Afonsos e Joões, não chegou a Vassouras; mas foi dar à mão do abade que a leu, e, num assomo de ira correspondente à injúria, resmungou:

– Quem seria o asno que escreveu isto?

E mais nada. Ele tinha as calosidades judiciosas dos estadistas experimentados, a linha recta dos galopins veteranos; arquivava as gazetas que o insultavam numa estante da latrina, e dizia que as correspondências da oposição naquele sítio conseguiam o seu fim de utilidade pública. De resto, uma só vez escrevera num jornal em resposta a um político estes seráficos dizeres: *Apareça o «Amigo da Verdade» e fraga três focinhos, se quiser levar um direito para esfoçar no lamaçal da calúnia. Eu não costumo aparar a pena; mando estonar o fueiro de carvalho-cerquinho, e prefiro desancar-lhe o palaio a ensinar-lhe a gramática, senhor «Amigo da Verdade», senhor pedaço-de-besta.* Saiu isto assim num periódico de Braga; parecia-se com um trecho das Epístolas de S. Cipriano devotado ao martírio. -

No princípio de 49, o comendador escreveu do Lazareto de Lisboa à mana Felícia, ao mesmo tempo que a imprensa felicitava o País pela chegada do benemérito nosso irmão de além-mar ao seio da mãe-pátria, a quem tantos desvelos de bom filho prodigalizara.

Felícia ficou assustada, estarrecida. Se ele desconfiaria do que havia; se lhe contariam a sua vida; com que cara havia de aparecer-lhe.

E o abade:

– Com a cara que tens; faz como eu; ninguém cá o chamou; se não estiver bem, mude-se; estás na tua casa; recebe-o com agrado; se ele te cantar, canta-lhe; eu cá, de portas adentro, pregadores de moral só admito um: sou eu.

Havia frialdades lentas, antigas na sentimentalidade de Felícia. Quinze anos de convivência passaram com intercadêndas de ciúmes, tédios, arrependimentos, escrúpulos, abalos de consciência envergonhada. Ela, às vezes, pensava que era mana do comendador Montalegre, falado nas folhas, um brasileiro rico; que podia estar com ele, ser senhora, ter dom como a mulher do da Casa Grande, uma prima dele que trabalhava no sacho, e chamavam a Ganiilhas, uma escanelada, dizia toda a gente, que ainda a conhecera a dançar o *regadinho* e a trepar aos pinheiros, com côdea nas pernas, para varejar as pinhas. Lembrava-se que podia estar casada, ter os seus filhos, a sua casa, comprar terras, ter a sua égua com andilhas, ir às feiras e às romarias com chapéu de homem e véu de filó azul, como as filhas do brasileiro da Casa Grande. Fizera uma asneira – cogitava convencida – em não ir para Vassouras, quando o mano Bento a chamava *para casar ela*; repetia a frase amelaçada, como a ouvira ler, nunca lhe esquecera a porcaria mélica, botocuda do mano Bento. Depois, o seu padre Justino, primeiro com a Canelas, depois com as outras, andara desencabrestado. Ia para Celorico para casa da fidalga do Castelo, uma viúva gaiteira, muito madura, mas com durezas de verde, como as frutas de madureiro, sorvadas; tinha bigode e luneta de ouro de um vidro, usava *boucles* postiços e balão. O abade ficava por lá dois dias e duas noites; voltava aborrecido para a residência, achava a comida mal-cozinhada, queria torradas finas e loiras como as da viúva, e roncava logo que se estendia na cama, dizendo que o enxergão era duro como o grande diabo. Isto foi minando o coração da mulher, como

um bicho roedor, lento, numa viga dura, que a vai lurando, esponjando, enfarinhando, até que se baqueia esfarelada. Estava cheia até ali – dizia, pondo o dedo nos gorgomilos, à Custódia que, às vezes, pegava no cesto da meia e ia para debaixo da ramada da residência, enquanto o pai e o abade faziam pular os dados no tabuleiro. Queixava-se: ninguém podia estar como eu, uma pimpona, muito ouro na caixa, dinheirame como milho. A culpada fui eu; enguiçou-me este homem; foi o demo que me apareceu, Deus me perdoe. – Que ainda estava a tempo – consolava a Custódia – que fosse para o irmão, enquanto tinha que romper; que ainda estava muito fresca, e podia casar com algum brasileiro. Tomara eu também um – dizia com denguiço e resolvida – um velho que fosse, que me tirasse desta vida. Ai! se eu me pilhava rica e asseada como a da Casa Grande, então é que eu estava na fresca ribeira. Credo! eu havia de meter num chinelo aquelas tísicas do fidalgo da Ramada; e mais a tihosa do doutor das Courelas...

– Pois olhe, Custodinha – fazia a outra – a menina é bonita; e, se tiver juizinho mais do que eu, maridos não lhe há-de faltar. Anda por aí tanto brasileiro... Este ano, em Vizela, eram tantos como a praga, a botarem os pés pra fora, de calças brancas, com cadeias de ouro cheias de coisas, muito gordos, uns figurões.

E Custódia: – que não gostava de homens gordos – cuspiam para o lado – cativa! que podia ter casado com o Francisco da loja nova, se lhe não embirrasse com a figura.

Estavam nesta prática. Chegou a cada do mano Bento; grande agitação, rebuliço, os sustos de Felícia, os parabéns de Eusébio, a notícia espalhada na freguesia, que vinha o comendador Montalegre, a quem faziam 1200 contos fracos, outros diziam fortes, e que vinha para casa da irmã amigada com o abade. O brasileiro da Casa Grande conjecturava que ele fosse um homem sem brios, um canalhão, desavergonhado, que aceitava hospedagem em tal casa. Esta opinião grassava uniforme na classe limpa. Que ninguém o visitasse, combinou-se. O alvitrista desta desafronta da classe brasileira, da *corporação respeitável*, como ele dizia, foi o Gaspar, que estava de mancebia com uma irmã, e já tinha casado duas, a dois contos por cabeça, com lavradores empenhados até às orelhas. Abundava na proposta o comendador Patrício, que casara com a tecedeira de Rechosa depois de ter sido quatro anos amante da mãe; bateu palmas à ideia o Guimarães da Laje que era hóspede do irmão e amante da cunhada. – Oh que patifes! – dizia o abade, sabedor da combinação; e protestava rebentá-los a pontapés quando o reumatismo lhe deixasse livres as faculdades das pernas.

O comendador chegou ao Porto e saiu logo para Basto. Felícia esperava-o no Arco de Baúlhe e mais o Macário, de casaca e mitenes de torçal, chapéu alto com a seda azulada e os esbeçamentos da copa muito pelados. – Que o senhor abade – explicava – estava adoentado na cama; sentia muito não poder vir ao encontro de Sua Senhoria.

– Como vossemecê está gordo! – dizia a irmã; e recordava-se do espicho que ele era quando embarcou.

– E eu esperava achar mais velha a mana. – Quê estava muito moça, muito conservada e que tinha muita feição do que era quando ele embarcou.

Perguntou se haveria neve ou carapinhada; e limpava os refegos nacarados do pescoço em lenços caros, bufando, e escumando do peito camarinhas de suor que alastravam na fina bretanha da camisa nódoas de humidade gelatinosa e peganhenta. Tomou a perguntar se havia neve; a irmã disse que só no Inverno a havia, alguns anos, nas serras; e o boticário, corrigindo, explicou à Felícia que o Ilustríssimo Senhor Comendador referia-se na sua aos sorvetes que se usavam no Podo. Ela não percebeu nitidamente; olhava espantada para ambos e dizia: – Se os há no Podo mandam-se buscar, sorvetes ou o que é. – O comendador Bento pensava lá para si, num silêncio discreto: – Este páis está muito atrásado – e comparava Paris e as suas neves deliciosas do café Tortoni com o Arco de Baúlhe; e resfolegava, dizendo: – Isto ágora é á

cánicula?

– Que era – obtemperava o boticário, e expunha as doenças próprias da canícula, as obstruções, as flatulências das frutas...

– E as *cambras* – ajuntou Felícia.

– *Camvras* – emendou o boticário. – Que os calores engrossavam muito as massas sanguíneas. Ele tinha lido estas *massas sanguíneas* na *Ancora Medicinal* do Mirandela, e gostava de as citar a pessoas inteligentes.

O comendador, com discreta censura íntima, repetia entre si: – Este páis está muito átrásado.

Do Arco à abadia era uma légua por entre várzeas entre-corridas de regatos, cômodos de folhagem empoeirada, quinchosos escorridos das águas vertentes das regas, por onde saltavam e coaxavam rãs de dorso verde e ventre amarelo a cardumes. Sapos corpulentos, barrigudos, com os olhos arquejantes, erguiam um pouco as cabeças rajadas, em aspectos pacíficos de uma melancolia inefável. Eusébio Macário contava as utilidades do sapo na agricultura, os bichos infestos que devastava, uma conversação científica, todo o caminho, a propósito de tudo que lhe sugeria referências aos três remos. Ele tinha lido muitas notícias no *Panorama* e no *Recreio, jornal das famílias*, do Sr. Aquiles Monteverde. Também apanhara noções de Buffon e Cuvier em palestras com o cirurgião Viegas; tudo lhe mostrara argumentos bons para entreter uma prática adequada com o comendador, que abria a boca nuns grandes bocejos sonolentos.

Ele antes queria fazer certas perguntas melindrosas à irmã a respeito da sua posição na companhia do abade; verificar umas suspeitas que lhe insinuara Araújo & Filhos. O boticário dificultava os esclarecimentos; mas, num incidente propositado, quando expunha as virtudes medicinais das urtigas na cura do reumatismo, veio a talho a doença do abade, e o elogio da Sr<sup>a</sup> Felícia – dizia comovido – que era uma santa enfermeira do doente. Que ele – ajuntava – também a tratara sempre como parenta e não como criada; e por isso toda a freguesia a respeitava como se ela fosse irmã do Senhor Abade.

– Tenho uma filha – dizia, entusiasta, apurando-se na égua, como quem contava uma raridade – tenho uma filha que se porta bem; e, se não é como as outras, deve-o aos conselhos da senhora sua irmã. Que isto de mulheres nestas aldeias são todas umas cróias; de religião nem tanto como isto – e mostrava o bordo da unha do dedo polegar. – Tanto faz missionários como nada; desmoralização geral desde o palácio até à cabana, como muito bem diz o *Portugal velho*.

– No Brasil também não há religião – observou circunspecto o comendador com arrastada melopeia – e mau é, porque a religião mi párece precisa para povo; quem tem conhecimentos lhi basta *somentes* a religião natural, hem? mas quem não tem conhecimentos lhi faz preciso um freio.

Eusébio Macário: – Que sim, que o povo sem o cabresto do medo do inferno era pior que os animais. – Entrou um pouco pela metafísica; ventilou a questão da imortalidade da alma; citou umas palavras da *Nação* e combateu-as com outras de um colaborador ateu de um jornal de caricaturas do Porto em que aparecia o abade de Santo Ildefonso a bailar a gavota com a Sr<sup>a</sup> Emília das Neves. E concluía piscando o olho ao comendador e fazendo um gesto inteligente para Felícia, como quem diz que era preciso respeitar as crenças daquela santa mulher ignorante: – V. S<sup>a</sup> bem me percebe... Nem tudo se pode dizer... Eu sou filósofo; mas acho que é preciso haver um freio, como o Senhor Comendador muito bem disse.

– E o ábade é éxempélar? – perguntou o irmão de Felícia que ficara atrás puxando pelas rédeas da jumenta que retouçava num tojo de valado. – É bom cristão?

– Sim... ele... é filósofo também; mas não deixa de ser um bom cristão...

E o outro conciso e apressado:

- Os créditos da mana Felícia não pádecem, hem?
- Nada. Como irmãos. Quem disser o contrário, mente.
- A peste do burro não anda! – exclamava a mana.
- Toma aqui, diabo!

Eusébio foi atrás para tanger o jumento manhoso e acabar o interrogatório incómodo do brasileiro.

Havia povo à entrada da aldeia na expectativa do brasileiro rico: mulheres com as mãos cruzadas sobre as barrigas numa imobilidade pascária; rapazitos em fralda suja e esfarrapada de tomentos, coçando as pernas picadas pelas moscas, e repuxando as saias das mães, a pedirem pão com esgares lamuriantes, de uma fealdade específica da raça humana e dos pequenos garotos das aldeias; homens que vinham das malhadas sentavam-se no cruzeiro, com as calças brancas arregaçadas até à coxa, e esfregavam com delícia as pernas cabeludas mordidas pela pojeira do palhiço e dos eirados, pondo os joelhos escarpados ao pé da boca. O criado do abade, um torto que limpava a égua e ia buscar a carne ao Arco, estava no adro, e, logo que avistou na revolta do caminho a ama, atirou ao ar seis bombas reais, e enfiando pela escada da torre começou a repicar dois sinos a um tempo com a veemência febril de quem toca a fogo. O José Macário, que estava à porta da botica e mais um grupo de trolhas que trazia na casa, fizeram subir dúzias de foguetes de três respostas, enquanto um dos trolhas disparava doze morteiros que retumbavam nos ecos da corda de serras com fragor alegre. Povo corria de todos os quinchosos; rapazolas com os chapéus nas mãos e as caras no ar, dando pulos por sobre as sebes, aparavam as canas dos foguetes e espojavam-se a disputá-las com grandes gritos e sopapos. Havia o contágio da alegria, a exultação bruta que dá a electricidade do sino e do foguete. Malhadores atiravam os chapéus ao ar, e berravam *eh! eh!* uns monossílabos selvagens com que saúdam os forasteiros e afoitam os bois derreados nas ladeiras escorregadias. Cães de uma magreza esquelética uivavam quando o foguete rechinava subindo; outros, com as caudas retraídas, aflitos, saltavam paredes, guinchando latidos de pavor. A égua em que montava o brasileiro, abacial, pacífica, resfolegava, curveteava, ladeava, fazia programas de coices. Ele abria muito as pernas e agarrava-se às crinas, dizendo: *chá, chá*, não mi dérrubes! Felícia tinha medo que o irmão caísse; pinchou da jumenta, e agarrou com destreza e força a égua pelas cambas do freio. Macário, que levava as abas da casaca apanhadas e atadas sobre o estômago para se não mancharem no suor das ancas da besta, apeou sem as desatar. O povo, o grande animal expansivo, que ri às vezes com o fino sentimento do burlesco, dava na barriga palmadas de uma exultação hílare e bruta. – Olha o rabo da casaca voltado para diante, ó Maria Ruiva! – O diabo do homem parece um entrudo! – É que traz a barriga do invés! – E o Ferramenta: – Ó Zé das Poldras, olha o brasileiro como é gordo! Se eu pilhava assim um porco! – E o Matula, um veterano sem nariz: – A égua anda para trás. Que lhe passe o freio para o rabo, que ela anda para diante. – E outras chulices corriqueiras, minhotas. Os malhadores batiam nos joelhos com as mãos encodeadas muito abertas, às upas, num regozijo de vinho folião.

Ao aproximar-se o grupo, a gentalha acomodou-se. Os três iam a pé. Felícia tinha dito de esconso ao boticário que desatasse as badanas. O Bento ia carregado, desplícete, aborrecido, sentia-se grotesco, ele, comendador, seiscentos contos fortes, ao lado do boticário da aldeia, que atava as abas da casaca, escorridas, longas e agudas como dois bicos de pássaro monstruoso, antediluviano.

Havia uma estrumeira de mato fofo antes de chegar à porta da residência. O comendador olhava para os espinhos do tojo com a estranheza aterrada do primeiro

nauta que avistou o cabo tormentório. O verniz das botas delira-lhe dos pés a memória do bravio que calcara na infância. Perguntava à mana se não havia outro caminho; exprimia em trejeitos de enfado um enojo imenso da sua situação e da selvajaria do País que ladrilhava as estradas de sarças espinhosas. Felícia e Eusébio deram-lhe o exemplo, trilhando, recalcando, como em uvas de lagar, as hastes que eriçavam a tojeira. Ele seguia-os com as pontas dos pés grandes para fora e para cima, pesando sobre os calcanhares gordos que cavavam abismos no mato.

Ao cabo da estrumeira, coberta de latada espessa, de onde pendiam cachos roxos afestoados de uva garrafal, havia o portão vermelho, com frisos apainelados, do quinteiro da casa do abade. As portadas estavam escancaradas; e na luz esverdeada do interior, coada pela folhagem das parreiras, recortava-se direita, elegante, sobre o limiar do portão, a filha de Eusébio.

O brasileiro, antes de saber que tinham chegado à residência, vira Custódia, e disse ao boticário, estendendo o beijo, lúbrico, na direcção da rapariga:

– Muito boa moça, hem?

E o boticário com um riso grave:

– É minha filha.

– Ah! – fez o comendador. – Muito cántita! É a primeira moça gálante que mi áparece no Minho.

– É sãzinha, graças a Deus – voltou Eusébio, comedido, modesto.

Ele, o Bento, era justo na sua admiração sanguínea, plástica, modelada ao gosto das velhas sensualidades da arte grega. Custódia, no momento do reparo, tinha os braços arqueados na cintura, e o pé direito, calçado em tamanquinho de verniz com ponteira pespontada de escarlate, posto à facaia, para fora, com a saia um pouco espipada no joelho desviado, por maneira que o tornozelo se lhe via torneado na meia aberta de linha de Guimarães, com quadradinhos e ramagens por onde vermelhavam tons de epiderme rosada. Vestia jaqué de pano azul-claro, chanfrado na cintura, com dois renques de botões amarelos, rutilantes, em que espelhava lampejos alaranjados a última radiação do sol-poente. A saia exterior, de crepe, um pouco apanhada de um lado, mostrava outra branca, de tomadinhos tesos de goma, encanudados, e por baixo o debrum de veludilho preto do saiote de flanela carmesim. As mangas das roupinhas, amplas à proporção da musculatura do braço, estreitavam-se no pulso torneado, apresilhado num botão de linha sobre o punho bordado da camisa. Por debaixo do cós do jaqué sobressaíam realces, uns fofos da camisa aderente aos refegos da carne mole apertada pelas camadas de saias que levantavam saliências boleadas dos quadris. Cruzavam-lhe a curva opulenta dos seios as pontas franjadas de um xaile de caxemira amarelo com festões de flores rubras, que atavam atrás da cintura dando um destaque às ancas muito reparado dos sensualistas das feiras e das romagens. No pescoço, redondo, com maciezas e tons alvos de leite, até à raiz dos peitos, tinha uma gargantilha de ouro e mais três cordões, com um crucifixo de uma esculturação antiga e rebelde às devoções sinceras, espiritualistas, por estar posto num calvário de enormes glândulas hemisféricas mais tentadoras que as visões lúbricas dos anacoretas. Na cabeça, penteada em bandós de grossas madeixas aloiradas, alvejava um lenço de cambrieta, bordado a torçal, de muitas cores, com corações traspassados de frechas. Ria-lhe no rosto uma alegre saúde que lhe carminava os beijos e punha nos olhos cintilações de mordente desenvoltura. Parecia uma cara feita de frescas folhas de camélias brancas e vermelhas. Sentia-se-lhe de longe os perfumes das lestras, do rosmaninho, das moitas floridas em que zumbem abelhas. Ela saíra fora ao terreiro a cumprimentar o comendador, sem acanhamento. Tinha prática de tratar com a brasileira fina dos arredores – uns sujeitos que babavam as palavras doces; conhecia ditos das novelas, e andava a ler a tradução dos *Mistérios de*



*Paris* que lhe emprestara a D. Libânia da Casa Grande, uma doida que se apaixonara por Eugénio Sue, idealizara o romancista sob a lua cheia das noites castas e tépidas de Agosto; depois reclamara-o com suspiros às estrelas, à Ursa Maior, à viração balsâmica dos pinhais murmurosos. Muito romântica, sempre espapada numa madracice lírica. Por fim, como Eugénio Sue não viesse, casou com o D. João Feitosa, sócio do pai em S. José de Cacaria, Feitosa & Roxo. Fora ela quem iniciara a Custódia na literatura dissolvente; mas não conseguira derrancar-lhe a alegria, o estômago e as noites regaladas, bem dormidas de papo acima. Ela tinha um interesse palpitante pelo príncipe Rodolfo; mas adormecia antes da peripécia com o gancho da candeia espetado num buraco da parede, e um braço de jaspe decaído para baixo, como a procurar no tabuado a brochura caída – um braço que seria o perdido de alguma Vénus de Praxíteles, se não fosse o de Custódia – o que era muito melhor.

## V

O comendador Bento achou-se bem, alegre, bom enxergão de lã de carneiro, a mesa farta, o leitão, o capão, o peru, o chouriço, o lombo de porco de vinho e alhos, o pato, leite puro de cabra, frutas ricas, o belo pêssego de Amarante, morcelas de Guimarães e pastéis da Joanhina, frigideiras de Braga, e o vinho verde de Basto que lhe refrigerava os ardores internos e desopilava o baço. A convivência dos bons comedores era-lhe como uma forte mostarda. O abade digerira no calor da cama grandes massas de alimento, que desobstruía com as pílulas de família. Felícia era muito forte nas mucilagens, nas farinhas, e comia muito toucinho estreme às talhadas com garfo de ferro. O Eusébio e mais o filho não saíam da residência senão à noite, e acudiam solícitos, obsequiadores, a fazerem companhia ao hóspede, com muita urbanidade e um apetite de fomes inveteradas de petiscos. Custódia aparecia de vez em quando, rogada por Felícia.

– Que o mano Bento perguntava por ela – dizia despeitada – e fazia ruim cara quando a não via à mesa. Eusébio dera tento disso, e revelara à filha as suas desconfianças. –Olha lá! – recomendava-lhe ardiloso – vê se me tens lume nesse olho, rapariga... Têm-se visto casos semelhantes e pior encarados. Rico como um porco; olha se me percebes, Custódia... Muita léria pra léria, muito palavreado; mas aguenta-te, ouviste?

Custódia percebia-o; tencionava aguentar-se; fazer-se arisca, de manto de seda – era a frase. O Fístula espicaçava-lhe a ambição:

– Que pechincha! Seiscentos contos fortes, milhão e meio! Se casasses com este brasileiro eras a mulher mais rica desta comarca, e talvez da província. Podias ter carruagem e lacaios como o fidalgo de Viade e o da Gandarela. Oh, cos diabos! Se a gente se pilhava a bater um trem descoberto por aquela Braga dentro, os caixeiros da Rua do Souto pasmados às portas, as mulheres a abrirem as gaiolas, o povolêu e os padres de capote a tirar-nos os chapéus! Isso é que era, isso é que era reinação!

– Ele é muito gordo, embirro cos gordos – desdenhava, e ia ver-se num espelho de quatro e meio, que se armava no peitoril da janela, com um encosto de papelão coberto de papel vermelho; compunha os bandós, sacudia-se, espanjava-se, arregaçava as mangas do jaqué até ao cotovelo, despeitorava-se um pouco, e branqueava o esmalte dos dentes com hortelã brava.

O comendador cravava-lhe os olhos quebrados, lânguidos, e espreguiçava-se. Comidas fortes, muito adubadas, recozidas no vinho palhete, punham-lhe no sangue irritações juvenis, ímpetos. Tinha engordado aos vinte e cinco anos, na pacatez das roças, embalado em redes debaixo das mangueiras; fora fleumático, frio, esquivo às borrascas do amor. Nenhuma *sinhá* o extraviara da linha tortuosa da riqueza; vendera-se a uma viúva decrépita, rica e devassa, que lhe deixara moagens, fazendas, o casco da sua fortuna. Resolvera não se casar; porque três amigos seus tinham sido logrados pelas suas senhoras de parceria com os seus caixeiros. Pensava em empregar a sua grande fortuna em títulos fidalgos, e fazer-se imortal numa igreja que mandaria construir em Montalegre, dedicada a S. Bento, com três naves, e um jazigo na capela-mor com as suas armas, como vira na sepultura de Estácio de Sá no Rio de Janeiro, na Igreja de S. Sebastião. Ele não acreditava em Deus, nem na imortalidade da alma; mas tinha grande devoção com S. Bento; incomodava o Santo, quando o picava a febre-amarela, com rogos e promessas; entregava-lhe nas viagens o cuidado das suas malas como a um escudeiro, e o do seu ligado e do seu hidrocele como ao facultativo de bordo. Trazia ao pescoço, pendente de um trancelim de ouro, a Regra do milagroso patriarca; e, na

viagem, quando um velho passageiro calvo e pobre se punha a discorrer a respeito da Lua, nas noites misteriosas, inefáveis do oceano, e dizia que os astros narravam a glória do Criador, ele ria-se e dizia que o velho era pano e fanático. Questões religiosas com o abade e com o Eusébio Macário, no fim do jantar, agitavam-se. O egresso não tinha presente a sua teologia, estava descaçado nestas matérias, recuava atacado pelo brasileiro, e dizia com ignorância velhaca que as suas ideias só as podia apresentar em latim, e muito sentia que o comendador não soubesse latim; o Bento replicava-lhe pelo claro que fizesse no latim o que Paulino Cabral, também abade, queria fazer no mundo. Havia grande liberdade de ehalças em que às vezes José Macário, fechando a porta à curiosidade da irmã e da Felícia, se permitia recitar fados e glosas de quadras obscenas, se o pai tinha ido para casa digerir o seu vinho laborioso. O comendador, sacudido pelas explosões do riso, raspava o pavimento com os largos chinelos de marroquim; e o abade, cómico na sua seriedade, dizia ao Fístula:

– Foi isso o que você aprendeu em dez anos de estudos... Patifarias! – E pedia a repetição de uma glosa, muito sórdida, da quadra:

*Neste campo solitário  
Onde a desgraça me tem,  
Chamo, ninguém me responde,  
Olho, não vejo ninguém.*

O Bento pedia-lhe que a cantasse na toada do fado do Vimioso; e então, no seu elemento, na glória da sua profissão dilecta, um pouco curvado para o braço da viola, com o cigano apertado nos dentes queixais, e o lábio arregaçado, *mezzo voce*, em respeito às mulheres, desfiava o episódio sujo vitoriado no bordel da Pepa, espanhola das Travessas, onde José Macário deixara um nome legendário e um casaco empenhado. O brasileiro gostava muito dele, porque era irmão da Custódia e porque tinha pilhérias, farçolices de estudante biltre e frescuras de língua com frases de Gil Vicente cheias de porcária vernácula, como nenhum outro idioma da Europa as tem tão ricas de eufonia. Andavam juntos pelas aldeias de Basto, em bons cavalos que o comendador comprara na feira de S. Miguel, na Ponte de Pé. Ele queria comprar o Mosteiro de Refojos, construir um palácio, e fazer o jazigo com o seu brasão aberto numa capela de mármore. O Fístula chalaceava-lhe a ideia do jazigo:

– Não pense em jazigos! Coma e beba; a vida é um pagode, uma asneira alegre que se vai numa gargalhada. Quem cá ficar que nos enterre onde quiser. Que diabo!

E o comendador circunspecto, sério:

– E bom ter à gente seus ossos em sepultura décente; é uma memória que fica para sempre, hem?

O outro, no seu íntimo, achava-o tolo, por causa do jazigo e do brasão, que ele tinha aberto em anel de ouro, em sanguínea, em ágata, em ametista, nos vários sinetes e berloques do relógio. Parecia – observava ele ao pai – que a letra não dizia com a careta; porque o Bento, fidalgo, e a Felícia, fêmea do abade, era um disparate. Eusébio conjurava-o a não dizer palavra ao comendador a respeito do brasão, nem da fêmea do abade; antes, pelo contrário, se mostrasse respeitador da fidalguia, e se lembrasse que a Custódia, se o soubesse levar, ainda viria a ser mulher dele, e talvez baronesa, porque o comendador Bento, segundo dizia o *Periódico dos Pobres*, estava para sair barão.

– Se eu ainda verei a Custódia baronesa! – exclamava o José; e agarrava Eusébio pela cintura, levantava-o em peso, queria polear com ele.

E Macário:

– Larga-me, bruto!

Reinava grande alegria na casa do boticário; faziam sessões de cavaco os três, conspiravam; ela relatava o que o comendador lhe dizia, a resposta que dera, a história de um beliscão no braço, umas festas na cara com expressões carinhosas: – Sinházinha mi ama? Eu lhi amo ela muito. Etc. Depois pedira-lhe um beijo...

– E deste-lho? – irrompeu Eusébio com alvoroço.

– Que não; e fugira quando ele, ao canto da latada da horta, quisera agarrá-la.

E o pai, batendo as palmas:

– Isso! isso! E depois ele..., ficou amuado?

– Andou de trombas toda a tarde; não me falava; e vai eu entrombei-me também, e disse à Felícia que ia estar oito dias a Mondim com a Tia Luísa; e ele então desanuviou-se, veio onde a mim e pediu-me que não fosse.

– Está lamecha! – definiu sumariamente o Fístula. –Caído! caído! senhor pai, a mana Custódia, mana baronesa, caído! pela beíça!

– Não sejas asno – fez ela lisonjeada. – Baronesa! Pois não foste!

– Dessa massa se fazem – gesticulou Macário com a cabeça em baloiços afirmativos de conformidade com o vaticínio do José.

Planos desonestos, abasileirados, tinham manchado a candura do comendador a respeito de Custódia. Pensava em dar-lhe luxos de princesa, casa trastejada à grande, mobílias caras de *papier-marché*, cristais, *toilettes* aparatosas, cetins, diamantes, caleches, tudo excepto a mão de esposo, aqueles cinco dedos grossos, vermelhaços, em que brilhava o anel do brasão com as armas dos Pereiras da Casa Brigantina. Gizara o argentino velhaco levar consigo a mana Felícia para o Porto, onde mandaria edificar um palacete de azulejo cor de gema de ovo, com terraço no tecto para quatro estátuas simbólicas das estações do ano, e dois cães de bronze, em baixo, sobre as ombreiras do portão de ferro, com as armas fundidas, de saliências arrogantes, entre os dois molossos de dentaduras anavahadas, minazes, como todos os bichos da heráldica. Depois que desistira da igreja em Montalegre, trabalhava-o esta ideia que o abade, o maganão, achava arrojada, bonita; mas, em vez das figuras das quatro estações, lembrava-lhe que seria mais útil aos bons costumes pôr no beiral do telhado os sete pecados mortais. O Bento projectara que a irmã convidasse a Custódia para sua casa no Porto, honestando assim a passagem da botica para o palacete. Depois – cuidava – ela, o irmão, o pai, todos se acomodariam facilmente com jantares fortes, presentes, teatros, um passeio a Paris, um Inverno em Lisboa, fazer figura na Foz, em Vizela, no Jardim de S. Lázaro, nos cavalinhos, enfim, dinheiro, muito dinheiro. Mas, bom homem! – obrigara-se, de si consigo, em consciência, honradamente, prodigamente, dotá-la, quando se fartasse dela, com uma dúzia de contos, se ela pudesse disputar pureza com as estrelas.

Abrira-se com o abade, consultava-o. – Que tal? que lhe parecia?

E o abade risonho:

– Arranje a sua vida; mas, comendador, parece-me que vai barrado. A rapariga é patusca, estroineta, gosta do derriço; mas, para o mais, não anda; quero dizer – não tem andado até ao presente. Canta, dança nas eiras e nas romarias, muita festa para a festa, muita chalaça, pinta aí a manta que tem diabo, e fica-se em vinte-sete para não passar. Andou-lhe aí na peugada o estudante do Cosme dois anos: cartinhas, presentes, muita léria, até lhe mandou de Coimbra versalhada. Um dia quis-lhe deitar o gatázio, e ela, amigo e senhor meu, apontou-lhe para a igreja como quem diz: – «Se me quer amar à unha, case comigo.» Ele pôs-se ao largo; e vai ela... – aquilo é o diabo, não é cachopa! mandou-lhe um pataco de banha do cabelo com espírito de cravo embrulhada na poesia, que por sinal era uma borracheira.

E, depois que o brasileiro lisonjeado, jubilando, riu muito escarvando no tabuado:

– Enfim, comendador, estimo que seja feliz; mas bacoreja-me que não faz nada.

O Bento combinou esta informação desanimadora com o caso sabido da tentativa do beijo na sombra da ramada. Esmoreceu e modificou o plano traçado desde as quatro estátuas pomposas das estações até à dotação briosa da dúzia de contos de réis fortes. E veemente, com ímpeto, erguido, solene, batendo na testa:

– Você sabe quê mais, abade? Eu estou a amar a sinhá. É a primêra qui mi sucede, dou-lhe minha palavra di cavalhêro. Esta só pelos diabos, hem? Quê mi diz? já viu?

– Que não se admirava; que ela era muito boa fatia, a nata da freguesia; e além disso, a respeito de virgindade, não sabia de segunda. Mas – acrescentou grave – sabe o que eu lhe digo, comendador? Deixe a moça em paz. Ela para esposa não lhe serve, que é pobre e plebeia; e lá para o que o amigo a quer, tire daí o pensamento que não vá o irmão desconfiar, e haver histórias, coisas desagradáveis, sensaborias. Ele é um troca-tintas; mas, aqui há um ano, pregou três mocadas no escrivão da Câmara, porque ele, à saída da Igreja de Refojos, no apertão, lhe beliscou um quadril da irmã. O Eusébio Macário foi casado com uma doidita que fez para aí tontices, adultérios, asneiras, uma desgraça! Ela acabou na Tamanca, e ele agora deu-lhe para zelar a filha como não zelava a mãe; isto é, ele quebrou, salvo seja, três costelas a um cirurgião que lhe gastava da botica e da mulher. Não são bons, digo-lhe eu, estes Macários não são bons; má raça. O comendador, se quer casar-se, pode escolher, à vontade, uma fidalga. É ir a Lisboa, à corte, e pedir por boca – filhas de condes, aposto! E no Porto? Isso então, rapariga bonita, às duas por três, está no papo de um brasileiro que tenha cinquenta contos, tanto faz que ele seja velho, como zanolho, como raquíco. O senhor casa com quem quiser, digo-lho eu. Está em boa idade, tem saúde, está rijo, tem muito dinheiro, casa com quem quiser. E uma pechincha para quem o apanhar. Se é!...

O comendador ouviu-o, ergueu-se com o havano ao canto dos beiços, meteu as mãos nas algibeiras revolvendo libras e chaves, e bastante escanchado, disse:

– Pois, abade, somente lhi digo uma coisa. Si não casar com Custódia, não mi caso com outra, palavra di cavalhêro. Não quero fidalgas, nem vou em Lisboa à buscar elas. Fidalgo sou eu da Casa Real, hem? Quero uma minina hónesta e pobre. Rico sou eu.

E, passados instantes:

– Mi ámára ela?

## VI

A palavra *baronesa* entrou na essência de Custódia como um revulsivo forte; abalou-a, sacudiu-a como uma faísca da pilha; encheu-lhe a cabeça de visualidades e a vida exterior de aspectos novos. Vestidos de seda verdes a farfalharem caudas enormes passavam por diante do seu espírito. Chapéus de plumas brancas, manteletes de veludo, *bornous* de caxemira escarlate, revoadas de laços de cores variadas esvoaçavam-lhe nos sonhos, e pareciam pendurar-se-lhe das vigas do tecto. Sonhava. Bento-o-Gordo, o barão em via de publicidade, aparecia-lhe descomunal, ajaezado de telas ricas de ouro e púrpura como o elefante de um velho sofi da Pérsia. Sonhava que ele, o elefante, recamado de pedrarias facetadas, faiscantes, lhe fazia meiguices moles com a tromba, e a envolvia nela como braços cabeludos que se enroscam nos pescoços e apertam com pressões cáusticas, convulsas, as espáduas brancas e veludas. Depois, ele, o paquiderme, cintilante como uma miríade de estrelas nas profundezas do céu, trombejando-a com muita dulcificação cariciosa, sentava-a no seu dorso largo sobre um frouxel de flacidez asiáticas, cosido de ouro, com perfumes de nardo e cardamomo; e da ponta da tromba golfava-lhe no regaço gorgolões de ouro líquido; pulseiras grossas cravejadas de esmeraldas da Sibéria; manilhas com pingentes de granadas escarlates da Boémia; pérolas, gargantilhas, broches com gemas do Vesúvio; camafeus com perfis de mulheres gregas de narizes aquilinos; anéis de brilhantes negros com facetas curvilíneas de cintilações cruas; grilhões em diademas de safiras orientais de reflexos lácteos, sardaniscas negras, e topázios amarelos do Brasil; roscas de um ouro fosco com relógios esmaltados, orlados de rubis da Silésia; muitas libras, umas de cavalinho, outras com a efígie da rainha Vitória; peças de duas caras; dobrões de D. João V, muitos dinheiros desconhecidos. Ela via esta onda infinita de riquezas a rolar com espumas de ouro, de um grande mar fulvo, para o seu regaço; não sabia dar àquelas coisas os nomes próprios; mas estendia os braços cobertos de serpentes escamosas, esmaltadas, e afagava a tromba, a cornucópia do seu elefante Bento-o-Gordo, o barão em via de publicidade. Depois, o paquiderme com grandes passos cadenciosos subia o escadório do Bom Jesus do Monte, à sombra dos carvalhos frondosos, com duas filarmónicas à frente, ambas de Braga, ricas de figles e pratos que davam sons estridentes. Foguetes e repiques ouviam-se; e nas verduras abastecidas das relvas cantavam-se fados de uma garotice repreensível e inspirações malandras. O elefante parou no terraço dos Evangelistas, ofegando, coleando a tromba vagarosamente. O Cosme, o bacharel que lhe fizera os versos, parara entre a multidão cheia de pasmo, que dizia apontando: – «a baronesa! a baronesa!» E o poeta, roído de ciúmes, ria-se, fana-lhe caretas de gaiato, punha o dedo polegar no nariz, e sacudia os outros com trejeitos de canalhice de *Gavroche*, um garoto que Vítor Hugo inventou muitos anos depois; mas que já estava a o em Portugal. Ela estorcia-se, vexada, corrida das vaias do Cosme quando o Bento, com a sua tromba carnosa, cilíndrica, que tinha um letreiro – *seiscentos contos fortes* – vibrou uma vergastada de revés ao bacharel, e atirou com ele de encontro ao S. Longuinhas, o cavaleiro de granito, que o aparou na lança, e o sacudiu à estátua de Moisés que o agarrou com a mão que lá tem a jeito de quem mostra uni panarício aos romeiros, e o mergulhou no tanque subjacente. Ela acordara então, espreguiçando-se toda numa grande elasticidade de pensamentos alegres, com palpitações de júbilo, sacudindo o lençol com as pernas, e sentara-se na cama com os olhos fechados, a rever, a ruminar, deliciada, a tromba que escorria fluxos, cascatas de diamantes no seu regaço.

O sonho teve logo uma interpretação mais racional que a das vacas magras do escravo de Putifar. O comendador soubera que Custódia fazia anos no domingo, e

andava muito atarefada com a Eufémia Troncha, uma costureira gorda – que levava do Porto a Basto a moda dos casibeques – a fazerem de afogadilho uma garibáldi vermelha para vestir no dia natalício. Bento mandou à Lixa buscar uma carga de fogo preso e do ar, bombas reais, foguetes de lágrimas, o par de velhos arreitados que giram com muitos gestos impetuosos na roda acesa e estoiram; o barbeiro a amolar na mó que espirra faúlhas, e rebenta em fumarada negra, deixando a arder o seu arcaboço de canas e gravatos. Contratara a música do Arco, quinze figuras, afora três caixas e o zabumba, muito famosos da Ponte de Pé. Queria que se representasse o entremez do Entrudo, a *Abelha-mestra*; mas a dama, um mariola de muita barba, tinha sido preso para soldado, e não havia quem se atrevesse com o papel em cinco dias, sendo necessários dois meses de ensaio diligente, consciencioso, O Bento dera doze libras à irmã para um jantar de despique, de uma fartura extraordinária, que chegasse a todos os pobres da freguesia. Eusébio e o filho faziam arcos de buxo com festões de hortênsias, de girassóis e dalias, com laranjas de pavio, de papel pintado, penduradas; e no ápice do arco o nome CUSTÓDIA em letras maiúsculas tecidas de caninhas e frondes de trepadeiras finas pela mão hábil do brasileiro. Ela via isto, e parecia-lhe estar a sonhar; tinha medo de tanta felicidade, e começava a sentir um reviramento no fundo da sua natureza pandilha; penetrara-lhe uma luz nova nos arcanos recônditos da vida. Sentia-se nas prelibações de *senhora* rica; já não era a *Custódia*; era a massa de uma baronesa a levedar.

O dia do vigésimo terceiro ano de Custódia tarde esquecerá naquelas terras de Basto, económicas, pacatinhas. O ar era uma explosão de esferas estreladas desde que apontou a aurora; em cima o estralejar dos foguetes e o estampido das bombas, em baixo os morteiros e o rufar das caixas. O abade pusera os sinos à disposição dos garotos. A filarmónica do Arco, de meia em meia hora, tocava polcas, mazurcas, o hino da Carta e o de Pio IX. Não tocava o da Maria da Fonte nem o do Antas porque era notório o esturro cabralista do abade.

Durante o jantar escorcharam peças conhecidas executadas em papéis de solfa que os garotos mostravam suspensos nos braços erguidos, muito sujos, em atitudes de importância. A festejada falara pouco. Ela pusera nos seus gestos e ares frescos, moveções, de moça aldeã, uns toques de sentimentalidade, de reserva, toda cheia de conveniências senhoris. A Eufémia Troncha, que lhe talhara a garibáldi, estranhou-lhe o tom espevitado, a farófia, a tesura, o ar enfedorentado, cheio de *não-presta*, dizia. No jantar também lhe notaram o laconismo; não tivera ditos, repentes com que embaçava os sainetes do abade. Atribuiu-se aquela sisudez a um discreto acanhamento em presença de convivas estranhos.

Estavam alguns vigários, alguns lavradores abastados, o doutor de Abadim, um major antigo e todos os brasileiros que tinham mordido na dignidade do comendador; sabiam que ele ia subir a barão e dispunha de uma fortuna impenetrável à crítica; – que nos importa que a irmã seja amiga do abade? histórias... – disse o menos hipócrita aos mais devassos; e foram todos derreados de cortesias, muito faceiros, com grandes posses de estômago para os vinhos capitosos, escandecentes.

O Bento gostou muito do tino de Custódia e da concisão das suas frases. Sem que ele o dissesse, todos os comensais entenderam que a filha de Eusébio Macário apanhara a sorte grande caindo em graça do milionário. O intérprete desta opinião foi o doutor de Abadim, um fidalgo velho, que estava em contratos com o comendador sobre a venda do seu prazo do Rabaçal, uma quinta de casa solarenga do século XV, edificada sobre as ruínas de outra em que vivera no século IX ou X, Santa Senhorinha e S. Gervásio de quem ele se dizia parente; mas vendia a quinta legendária, porque o comendador, com a pressa de comprar propriedade que o investisse de baronato iminente, pagava o Rabaçal pelo duplo do valor. O fidalgo aceitara o convite do jantar, vindo por casualidade a

tratar definitivamente o negócio no dia do aniversário de Custódia. Tinha deixado a magistratura, quando o seu amigo conde de Basto caiu. Conservava os ademanes, a linha, o aprumo fidalgo que trouxera da corte de D. Carlota Joaquina. Teria setenta anos pouco avelados na vida serena e sadia da aldeia. Rodeava-o a mocidade nobre de Basto para aprender o donaire, o gesto palaciano, o bem-estar imperturbável dos homens superiores, perfeitamente educados numa *assembleia de senhoras*, diziam.

Era epigramático; mas tão fino e amável nas ironias que não desgostava ninguém. Há disso o que quer que seja no brinde que ele faz a Custódia e a Bento.

– Bebo à saúde do gentil fruto do inteligente e assaz conhecido farmacêutico, o Sr. Eusébio Macário, meu amigo e senhor. Eu já sabia por experiência de enfermo, que o benemérito filho de Hipócrates manipulava no seu laboratório remédios eficazes para dores; mas agora acabo de ver e saber que também os sabe manipular para refrigério de amores. O deus Esculápio abraça-se com Cupido. Eu faço votos por que o nosso ilustre amigo, o Senhor Comendador Bento José Pereira Montalegre, não gaste da botica do Sr. Eusébio Macário senão a linda filha, a droga mais doce, mais balsâmica que ele produziu, para a qual vejo que todos olham com inveja, excepto aquele a quem tenho a honra de saudar, o Ilustríssimo Comendador Montalegre, unindo-o no brinde àquela que já o está pelo coração, a esbelta Custodinha!

Foi muito apoiado pelos brasileiros, muito apoiado com gestos largos de braços e de pesados pés que arrastavam. Custódia e Felícia tinham-se erguido também logo que o fidalgo se levantara a solenizar o brinde. O José Fístula acenava de olhos à irmã que se sentasse, e mais à outra. Ele tinha assistido em Braga a uns jantares de noivado das filhas da sua patroa, as duas Filhoses da Rua dos Sapateiros, uma com um procurador de causas, e a outra com um estudante minorista de Trás-os-Montes. Observara que as damas não se erguiam quando havia brindes cheios de comoções e de desprezo da gramática. Ele tinha este sólido conhecimento da fina sociedade, e repelava-se por ver que a irmã e a outra lorpa continuavam de pé com as mãos espalmadas sobre as barrigas, numa pasmaceira. O Guimarães, o brasileiro da Canhota, que estava à esquerda do brindado, quando as aclamações ao brinde do doutor de Abadim serenaram, acotovelou o vizinho: – Comendador, você tem de agradecer o brinde, hem?

Do outro lado da mesa, o Pacheco da Quintã, major de milícias que fora de Braga, segredava a Eusébio Macário: – A etiqueta manda-o agradecer ao fidalgo em nome da sua filha.

– Estou ao facto da etiqueta – respondeu o boticário com gesto de suficiência, limpando os beiços avinhados à toalha, com uma grande resolução oratória, já experimentada em lides eleitorais cabralistas, nos jantares que o abade liberalizava para alumiar de Rainha e Cana os entendimentos fuscos. Ele fez um trejeito ao comendador, perguntando-lhe se deitava fala; mas não esperou resposta, porque o major dava-lhe com a unha do dedo grande na ilharga papuda, e dizia-lhe açodado: – Ande-me, ande-me!

Eusébio ergueu-se; e o abade inclinando-se sobre o ombro do fidalgo, com muita sisudez: – Temos asneira, doutor. – O Fístula dizia lá consigo: – Meu pai está bêbedo!

Não caluniava perfeitamente o progenitor dos seus dias. Macário tinha em si bastante vinho do Porto com que ajudar a natureza oratória que lhe não era sovina; mas estava na temperatura conveniente dos oradores de *toasts* mais celebrados desde Lamartine, o maçador, nos banquetes comunistas e revolucionários de Autun, até Plácido de Freitas Costa, o incomparável, nos jantares pacatos, respeitadores da monarquia, no Hotel da Póvoa de Varzim, jantares sem consequências perniciosas à família portuguesa, excepto as da lagosta e do camarão.

O silêncio fizera-se quando Eusébio Macário bateu as mãos sonoras como uma



matraca. Fez um trejeito de zangado. A orquestra, que acabava de beber, tocava na eira com muita fúria, um *pot-pourri*, a toada popular:

*Você diz que arromba, arromba.  
Não se arromba dessa sorte,*

música prostituída do *Elixir de Amor*; e o

*Toma o limão verde,  
Ó da fresca limonada,*

e

*Água leva o regadinho*

com intermitências de chula, em que assobiavam as requintas, rangiam as rabecas, e os clarinetes estridulos guinchavam roladadas de notas de uma alegria zulu, brutal. Eusébio esperava impaciente que os metais descaíssem daquele furor incompatível com o uso da voz humana. O José Macário, para salvar o pai, lembrou-se de descer à eira e pedir ao João Leituga, um de óculos, mestre da banda marcial, que fizesse tocar tudo em que o bombo, os pratos e os trompões trovejassem; mas o major das extintas milícias, o instigador velhaco, fora à janela, e batendo as palmas sobre os músicos, pusera um dedo no nariz. Depois, voltando para dentro com aspectos militares: – Pode falar, Sr. Macário.

Ele então meteu os dedos polegares na gola convexa, enchouraçada da casaca, e fazendo com os outros dedos um arpejo cadencioso nos bicos coçados das lapelas, disse pausado e fluente:

– Não posso deixar de responder à saúde do senhor doutor de Abadim, cuja foi feita a minha filha Custódia, neste banquete em que vejo tudo quanto há de mais respeitável no partido da ordem, isto é, da Rainha e Cana, que felizmente nos rege, pelo sábio governo do senhor conde de Tomar, cujo é o segundo marquês de Pombal, como muito bem disse o dono desta casa, e meu honrado amigo o Senhor Abade. Verdade é que o senhor doutor de Abadim pertence ao partido do senhor D. Miguel Primeiro, e não se mete nas eleições; mas parece-me que ele simpatiza mais com os chamorros que com os mijados.

O fidalgo cabeceou um gesto de assentimento e abafou o frouxo de riso no seu lenço de seda da Índia. Aquela alcunha, bastante amoniacal, dos setembristas era uma palavra aceita, necessária, corrente nos ureteres políticos do corpo social luso. Ninguém estranhou; excepto o comendador Bento que disse baixinho ao Guimarães: – Mi párece quê mijados não é civilizado para jantares, hem? – E o outro, mais identificado aos usos nacionais e ao dicionário político, respondeu: – Isto vai de pândega.

Eusébio, escorvando-se de rapé como um velho lente de prima, autoritariamente, de uma caixa de búzio rajada com estrias e charneira de prata, continuou:

– O meu amigo doutor que me honra com a sua amizade é um fidalgo que rescende já do tempo dos momos e tem santos de que reza a folhinha na sua geração; sempre ouvi dizer isto desde que me entendo; e fidalgos desta casta não fazem parelha com o Manuel Passos, o José Estêvão e outros republicanos da mesma pandilha de *pé fresco*. Eu, aqui onde me vêm, também fui realista; dei vivas em Guimarães ao senhor D. Miguel rei absoluto, como todo o mundo sabe. A casaca que eu então levava, faz agora vinte e um anos, é esta, e ainda a não virei; sou realista cá por dentro; mas,

enquanto não vier o rei legítimo, entendo que devo votar com os excelentíssimos senhores Cabrais, com o senhor conde de Tomar que é o segundo marquês de Pombal, na opinião dos que sabem história, como o dono da casa, o nosso abade. Portanto, as palavras do senhor doutor a respeito de minha filha são de um preito sincero, e eu quisera ter o talento de Camões e de Bocage para explicar-me, sim, para explicar-me. Ideias não me faltam; mas tenho lidado toda a santa vida com brutos de aldeia; e falta-me isto que se chama a lógica. Sei do meu ofício, e tenho lido os melhores autores; não é por me gabar, mas aí está o público que me não deixa mentir. Tenho vencido doenças mortais, e... (*com entusiasmo, gesticulando como quem arranca*), e tenho arrancado à Parca muita gente, cuja aí está viva e sã.

O filho olhava para o pai e franzia o nariz; mas o boticário ou não o via do fundo da sua glória afirmada pelos gestos do fidalgo e pela contemplação fixa dos comensais, ou o mandava à fava com a firmeza conhecida dos maçadores implacáveis do Parlamento português quando os interrompe o aparte, a inveja, a careta hostil. Prosseguiu com intemerata pachorra o elogio dos seus convivas à saúde pública, injuriou a medicina moderna, chamando-lhe *patacoada*, esteve a pique de lagrimejar quando lembrou o cirurgião Maneta, e invocou o testemunho do fidalgo que se curara com o dito chorado Maneta de uma moléstia de pele acompanhada de humores frios. O discurso ia derivando com uma discorrência lógica, engenhosa para o remate do brinde, quando a banda marcial rompeu de súbito com o hino da Carta, e uma girândola de bombas estralou com fragorosos estampidos. É que José Fístula raspava-se muito à surrelfa, e descera à eira a pedir o hino e as bombas como Eneias pediria um burro para seu pai Anquises do incêndio de Tróia. Não se ouviram as últimas palavras roucas, esganiçadas, de Eusébio Macário. Todos em pé, com o braço erguido e o corpo es-corrido, o vitoriavam a gritos. Felícia tapava os ouvidos com as mãos; e Custódia, esquecida um momento da sua seriedade contrafeita, ou talvez um pouco pingueira, dava risadas idiotas, e sentia ímpetos patuscos de atirar castanhas de ovos ao comendador.

Ninguém mais falou. Saíram de roldão para a eira, fumando charutos caros do Bento, desabotoados sobre o estômago, todos cheios de arrotos, pedindo café e conhaque, parando com indecisões suspeitas, com as pernas muito abertas, lassos, molanqueiros, olhando-se uns aos outros de lado com os olhos entortados de obliquidades chinesas, numa borracheira alegre.

O comendador ficara um pouco atrás com o abade e o doutor. Custódia ia ajudar a pôr as chávenas no tabuleiro para o café, quando Bento a chamou e lhe meteu no dedo mendinho um anel de alto preço, dizendo:

– Receba a sinhá meu ánel de noivado.

Custódia olhou para o anel, e disse que muito obrigada, sem que as faces ganhassem uma camada nova de pejo sobre o carmim dos vinhos fortes.

– O anel – disse o comendador ao fidalgo – tinha três brilhantes que lhe custaram duzentas e cinquenta libras esterlinas, hem? comprados na Jequitinhonha, *onde há eles mais preciosos nos Brásis*.

## VII

O noivo deliberara ir ao Porto arranjar casa, trastejá-la, comprar o rico enxoval da noiva. Quis levar a irmã para o ajudar, e pôs a Eufémia Troncha e as aprendizas a fazerem-lhe um vestido de merino, coisa que remediasse para a jornada. O chapéu de cetim cor-de-rosa com plumas brancas e grinalda de rosas-chá, e mais o xaile de tonquim amarelo com cercadura e franja de flores escarlates, foram comprados no João Pinto, dos Clérigos, por Araújo & Filhos. Do sapateiro António Pequeno, de Belomonte, foram os sapatos de duraque, de um tamanho insólito, muito esparramados, sem tacão, com fitas de seda para cruzarem a perna. Felícia, às escondidas, calçou os sapatos, serpenteou as fitas nas pernas bojudas, e ficou a contemplar-se com satisfação, regamboleando a canela, remirando-lhe todos os aspectos, horizontalmente, transversalmente, verticalmente, de esguelha, de perfil. Também tinha mitenes de retrós e ligas verdes de fivela, elásticas, trazidas do Alemão de Guimarães, quando o comendador lá foi comprar um grilhão de vinte moedas para a noiva, outro para a irmã, uma caixa de prata para o meio-grosso de Eusébio Macário e uma cigarreira do mesmo metal para o abade. Ao José Fístula levou-lhe umas botas à Frederica com espora de prateleira e uma capa à espanhola, abandada de veludo encarnado, uma rica peça.

O abade não podia decentemente estorvar que a Felícia acompanhasse o irmão. Ela, de contente, não cabia na pele; e, assim que podia escapulir-se, ia ao quarto abrir a boceta do chapéu, desencaixava-o com muito mimo, bufava-lhe as plumas e as flores, punha-o na cabeça, apertava as fitas verdes por debaixo do queixo, e agachava-se para se mirar no espelhinho redondo, encaixilhado em lâmina de chumbo, tão diminuto que apenas lhe permitia ver as várias peças da cara, cada uma por sua vez, e quase sempre era o nariz que se espelhava em vantajoso egoísmo. Este contentamento magoava secretamente o abade; punham-no de antemão saudades e espinhos de ingratidão daquela Felícia que parecia outra casta de mulher com a cabeça a juros – dizia ele – e uns ares de importância. – Mas não posso abrir o bico – pensava. – Se me queixo, ela pode dizer-me que vai com o seu irmão, que cumpre o seu dever, que não pode confessar-lhe o seu erro, recusando-se a acompanhá-lo. Até certo ponto obra com juízo; e, se eu lhe reguingar, pode passar-me a planta de todo em todo. – Concluiu que o melhor era temporizar; e, quer sim quer não, à cautela, lançou olhares reservados, cheios de cálculos, à Eufémia Troncha, a costureira que, em tempos remotos, antes de ir para casa de Madama Guichard, no Porto, lhe tinha concedido pequenas brincadeiras na romaria da Senhora do Pilar. Era uma gorda, na volta dos quarenta, com dois penachos crespos de barba no queixo de baixo, e as sobrancelhas pretas, cerradas; esbamboando-se nas polpas flácidas das espáduas e dos encontros, como uma peça colossal de gelatina que flutua e badaleja. Tinha má nota quanto a costumes, muito boa tesoura para vestidos e garibáldis, e emprestava, com usura de ladra, dinheiro herdado de um brasileiro gotoso que lhe morrera nos braços. Ela também se lembrava da romaria; e, às vezes, quando estava costurando, sozinha, na saleta, se o abade saía da alcova a manquejar do tornozelo, tirava um suspiro que lhe ondeava as conchas do seio, e cantarolava baixinho, com saudade infinita, o verso de Palmeirim:

*Ai! amor, ai! amor, ai! amor.*

Eram recordações dos seus vinte e cinco anos, gozados com o ardor impetuoso, gentílico das máximas da Roma dissoluta, que circulavam em Cabeceiras de Basto como os pardaus no tempo de Sá de Miranda. O abade, sorvendo e fumegando pelo

nariz o fumo do cigarro, quebrava a cinza na sola do chinelo de tapete, cruzado sobre a coxa e dizia de si consigo, olhando-a de soslaio: «Ainda mostras o que foste –uma boa praça...»

O comendador, quando saía para o Porto, recebeu do seu correspondente na corte a notícia de que estava assinado o decreto que o agraciava barão do Rabaçal numa vida, e pedia ordem para pagar os direitos de mercê, etc. José Fístula, assim que soube isto, carregou doze morteiros, e *bumba*, três descargas. O criado das cavalgadas foi para a torre, repicou, cuidou-se que era Senhor fora, acudiram velhas ao adro de aventais de saragoça pela cabeça, e quando souberam o que era, disseram: «diabo do homem dá que fazer ao sino!» Custódia foi felicitada pelo irmão com palmadas nos ombros; Eusébio, olhando para a filha de quem estava a rebentar uma baronesa, e para o espectáculo chinfrim do S. Miguel e dos garrafões desvidrados da botica, sentia-se deslocado, vexado. Os brasileiros que estiveram no jantar, foram dar os parabéns ao titular; não o encontraram; e, conversando a respeito da mercê, concordaram em que os títulos estavam de rastos, e que os Cabrais os vendiam a cavalgadas como o Bento.

Entretanto, o barão do Rabaçal mobilava uma casaria provisoriamente no Poço das Patas, enquanto não fazia o palacete. Os estofos vinham de Lisboa, do Gardé, acompanhados de um prático, que havia de armar, dispor, harmonizar. Ele queria muitos trastes de *papier-marché*, mogno reluzente, tremós, espelhos nas portas dos guarda-vestidos, sofás, divãs, poltronas várias de marroquim, de repes azul, de veludo encarnado; queria *chaise-longue*, *chaise-lit*, *consoles*, *étagères*, *tête-à-tête*, jardineiras, jarras com flores de penas e passarinhos amarelos, relógios de grandes campas de vidro com Napoleão de braços cruzados e o Abd-el-Kader à rédea solta no deserto, com a cimitarra a relampejar e o *bournous* desfraldado nas asas do siroco; gravuras grandes de casos romanos de Tito Lívio, em caixilhos dourados com cordões vermelhos, *toilettes* com portinholas de espelho e repartimentos estofados de cetim azul; tapetes, reposteiros, galerias douradas com requifes paspalhões, bambinelas e transparentes com passarolos impossivelmente brasileiros, urubus e caracarás da América Austral; aparadores, guarda-louças, *plateaux*. Ele pediu tudo, guiando-se pelos artigos que vira anunciados no leilão de um visconde que falira no Porto, um homem de gosto muito fino e perfeito em cores ardentes, infernais. Pediu mais a um seu amigo, também titular e minhoto, o barão da Corujeira, residente na capital, e casado com uma senhora elegante, de olhos piscos e luneta, muito falada na crónica dissoluta, que lhe mandasse os ingredientes que ele vira na *toilette* de sua esposa, e deu-lhe parte que se ia casar, e arrumar de todo com o negócio de Vassouras. O barão, consultando a esposa, mandou-lhe *lait d'amandes douces* para dulcificar as loções, e vários *savons de thridace* e *de la reine des abeilles*, com algumas caixas de porcelana cheias de *la crème froide mousseuse* e *fleur du lys*, tudo para dar macias frescuras e odores asiáticos à epiderme de Custódia. Mandou-lhe um hidróforo para pulverizar o banho, com uma explicação em francês. Para o cultivo dos cabelos, entre outras pomadas caras, enviou-lhe *beaume des violettes d'Italie*, composto de óleos virgens de uma pureza virginal e vários tutanos; e, de igual eficácia, *la crème fondante*, e *la crème Sévigné*, e *la pommade régénératrice*; mas, sobretudo, a baronesa da Corujeira recomendava à sua futura colega e amiga o uso diário de *l'eau rédivive de Nangasaki*, de origem japonesa. Aconselhava-a a não usar do *cold-cream* que era já rococó; mas sim de *l'eau de beauté* e do *crème Pompadour*; quanto ao *lait de concombre*, às *eaux de la reine de Hongrie* e de *lavande*, que não usasse que já não era moda, e não se encontravam nos *talismans de la beauté* de Louis Claye. Esta baronesa da Corujeira lavava-se em leite, e cada vez estava mais suja, dizia-se no Marrare do Chiado, quando ela andava por ali farejando o Manuel Brown ou o

Chico Belas, os leões. Para esmero das unhas recomendava-lhe *la poudre orientale*, e para dar brilho aos olhos e às sobrancelhas o *koheuil* e *l'eau de plantam et de roses*. Para os dentes *les larmes de l'aurore*, pulverização do *mastic* que as sacerdotisas de Vénus mastigavam. «Eu e minha mulher gastamos destes *vons pozés*», escrevia o barão com a língua menos limpa que os dentes. O do Rabaçal mandou perfilar os frascos e as bocetas na *toilette*, com muitas quinquilharias, segundo as indicações do prático. A irmã perguntou-se se aquilo tudo eram remédios para se purgar.

De quinze em quinze dias, o barão ia a Santiago da Faia ver a noiva, e deixava a irmã a vigiar, toda esfandegada, os arranjos da casa que eram complicações de artistas vários; alguns punham nas paredes papéis doirados, ou panoramas de guerras orientais, paisagens em que se viam borregos de cores fantasistas e pastores de cangalhas a tocarem flauta para consolação de umas pastoras com caras rubras que os escutavam, de cordeiros no regaço e as pernas escarlates estendidas, nuas, sobre a relva. Felícia olhava para aqueles painéis, e sentia um vago de saudades da sua infância em Padornelos. Do abade – que anomalia! – não tinha saudades nem desejos sequer ideais. Por um lado, a riqueza que a envolvia de resplendores, de deslumbramentos como uma cena de glória, as *excelências* que lhe davam os operários e Araújo & Filhos, e mais outros brasileiros das relações do mano; por outro lado, a lembrança das velhas arrelias do abade com as zoinas da freguesia, as doenças impertinentes de uma vida caquética, derrancada em bambochatas, a sobranceria com que a tratavam as senhoras de Cabeceiras e as lavradeiras casadas; tudo isto explicava naturalmente que Felícia de boa vontade ficasse no Porto quando o mano ia ver a noiva. De resto, as conveniências impunham-se-lhe. Ela não podia nem devia dizer ao irmão que queria ir ver o abade, nem lastimá-lo no desarranjo que ele, a falar a verdade, não sentia, porque a Eufémia Troncha ficara governando a casa; e Custódia, que já sabia os costumes do abade, ia por lá, dirigia, mandava, punha tudo em ordem, despida dos preconceitos do seu futuro estado, dizendo ratices, como dantes, que lhe repuxavam do fundo da sua fisiologia patavina. O abade doía-se; mas não se queixava. – Perguntava: Que fazia ela? em que se entretinha? Como se dava com os ares do Porto e com as águas? Se comia bem, e gostava das iguarias de lá? – Que a mana Felícia – explicava o barão – não podia abandonar os operários, e estava muito contente, e mais gorda, comendo bem, porque tinham o melhor cozinheiro do Porto, um preto que saíra de casa do conde de Farrobo e aprendera no Mata. Expunha a sua diária na mesa com entusiasmo lambareiro e descrédito internacional das duas línguas. Ele nunca se fartava de bacalhau recheado à *Richelieu*, e das empadas *au gratin*. Explicava a Custódia o que era um *vol-au-vent* de borrachos, e a perna de carneiro à *la Bordelaise*. Que Felícia gostava muito da dobrada com molho de alcaparras, e de feijão branco à *la maître-d'hôtel*. Citava, contando pelos dedos, os pratos que vieram à mesa, quando lá foi jantar Araújo & Filhos, o comendador Aguiar e mais o seu colega barão de São Torcato. Sentia não poder lembrar-se de todos os pratos; mas não pudera esquecer o *coulbach* de frangos, o *blanquette* de galinhas à *l'escarlate truffées*, o lombo de vaca à *la Macédome*, os linguados recheados *au gratin*, o magnífico pirão de mandioca, e a bela sopa de puré de arroz à *la princesse*: e que Felícia dava o cavaco pelas doçuras; entrava fortemente nas compotas, nos *mirlitons*, no *gateau royal*, nos *omelettes soufflées à la vanille*, e nos pãezinhos de tapioca à brasileira. Custódia sentia subirem-lhe das profundezas do seu estômago uns vivos apetites mordentes daquelas coisas de «nomes pândegos», dizia; sentia curiosidades de paladar, titilações nas glândulas salivares que lhe cuspinhavam na boca. Queria comer daquilo tudo. Era a evolução a fazer-se da futura baronesa do Rabaçal, gorda, pandorga, gulosa.

O abade ouvia tudo com uma interior paixão do seu desengano; não podia

suportar que Felícia estivesse contente, esquecida e mais gorda. O seu despeito dava-lhe visões desonestas; punha-lhe no coração farpas de ciúmes. Figuravam-se-lhe escândalos, abraços, fragilidades. Perguntava miudezas, particularidades dos homens que visitavam o barão no Porto. Que sujeito era o comendador Aguiar, a idade, os costumes. O barão dizia-lhe que era um velhote de pança, ex-capitão de tropas brasileiras, frascário bastante, amigo de fazer discursos e bom paladar para vinhos secos. De resto, bom homem e muito zeloso da «corporação respeitável dos brasileiros». Esta informação não sossegou perfeitamente o abade; mas amordaçava-se; rugia inaudível como um leão estropiado nos recôncavos ignorados da sua caverna. Às vezes desabafava com a Eufémia na expansiva confidência de grande desgraçado. «Dezasseis anos de casa e pucarinho! – queixava-se. – Não são dezasseis meses, são dezasseis anos, Eufémia! Veja você! E prega-me um coice destes!» – E ela, consoladora, meiga: – Deixe lá; mulheres não lhe faltam, e com outros princípios. Tenha o senhor abade saúde, que mulheres não lhe faltam. A falar a verdade, ingrata, foi! Assim que se pilhou com o irmão brasileiro, pôs-se na pizeira. Bem se vê que Vossa Senhoria a tirou de guardar cabras em Barroso. Não se aflija; faça por comer e beber, que mulheres, como o outro diz, o diabo as traz e o diabo as leva.

Isto consolava-o alguma coisa. Eufémia multiplicava cuidados extremos, queria friccionar-lhe o reumatismo, envolvia-o no fluido dos seus olhos cheios de ternura e candonguices. Sabia segredos culinários da Estalagem do Rainha, na Praça Nova, onde se afreguesara por amor às tripas. A cozinha do abade era agora mais selecta, menos gordurosa e muito substancial. Enfim, o desprezado amator de Felícia resignava-se a pouco e pouco, dobrando-se à vontade do Altíssimo, com paciência cristã.

O barão quando ia de S. Tiago da Faia para o Porto, contava à irmã que o abade estava rijo e fero; que a costureira tratava dele como de coisa sua, e que a Custodinha dissera ao pai que a ela não lhe ficava bem ir à residência, porque a Eufémia não se portava bem, e era um pouco linguaruda, descaradinha, e não saía da beira do abade; demais a mais Eusébio Macário informou o barão de que o padre tinha sido, quando era o diabo em ameijoadas de fêmeas, um dos amantéticos da Troncha.

Felícia bem o sabia, e já supunha o resto; mas assim mesmo encavacara com a notícia, doía-lhe a dissolução súbita, inesperada dos hábitos e costumeiras de uma vida de dezasseis anos, na intimidade, no amor daquele homem, sua primeira e única afeição; achava pouca-vergonha que o abade, apenas ela voltou costas, se arranjasse comodamente com a Eufémia, uma franduna de balão e espartilhos, esmamaçada, que dava de olho a todos os morgados de Basto, e os esfolava, pondo-lhes a pele a juro por causa dos lavradores. Contou, cheia de ferro, estas coisas com grande cólera, e quase se desferrava na explosão do ciúme. O barão não era tão pano quanto se presume do título. Desconfiou que houvera maroteira, concubinação; mas por honra própria urgia-lhe dissimular, fingir que não percebia; ainda assim, resolvera quebrar sem estalo aquelas ligações, evitando que os dois se aproximassem; e até pensava em casar Felícia com bom dote, visto que ela, à volta dos trinta e seis anos, ainda era uma boa estampa de mulher, forte, dura e sadia como as montanhas. Uma vez, para a sondar, disse-lho – que a queria fazer feliz, dar-lhe marido que a estimasse, proporcionar-lhe as alegrias da velhice, os filhos, os netos, a família. Ela arregaçou os beiços num risinho lorpa, de uma sinceridade sã, e disse: – Boa vai ela! O mano está a mangar! Eu já não chego a filhos, quanto mais a netos. Quem dianho me quer? Só se for algum velho com'a mim. Mas eu não ando. Credol Antes morrer solteira, que o boi solto lambe-se todo, diz lá o ditado.

– Que lhe daria marido ainda novo, porque em Portugal, quem tinha dinheiro, isso da idade era uma história. Que quisesse ela, e os maridos seriam tantos como papagaios em bananeira – estilo figurado de Vassouras.

Ela ficou a cismar, a cismar naquilo do casamento. Horizontes, aspectos de vida nova rasgavam-se-lhe. Alisava os bandós muito oleosos, por dentro da vidraça, com os olhos errantes nas grimpas dos ciprestes do Repouso que ramalhavam, varejados pelo vento norte. Era Janeiro. Havia grande frio. A ideia de marido associou-se-lhe a da temperatura tépida do leito conjugal, as doçuras suaves, quentinhas e lícitas do matrimónio. Desandou da janela para o espelho de vestir do toucador da futura baronesa. Diante do espelho, refestelada numa poltrona de repes azul, não se achou fora de jeito para as funções nupciais. Punha uma grande confiança no maciço dos seios, na largueza roliça, nédia, dos ombros esbagachados, e na carnação boleada das pantorrilhas que bojavam premidas pelo elástico repuxado da liga. Acima destas considerações realistas, preocupavam-na a Moral, a Religião, o Sacramento, as coisas nobres do património que se edificam sobre as colunas sensitivas, materialíssimas dos bons braços, dos peitos redondos e das pernas grossas; as grandes bestialidades do puro amor santificado na forma do sagrado Concilio Tridentino e Constituições do arcebispado.

Quando o irmão tornou a falar no casamento, ela tirou do peito, como um gás que se expande, um grande suspiro & disse: – A vontade do mano é a minha.

## VIII

Chegara a Primavera,

*dilecta aos bois de retorcidos cornos.*

como diz Homero <sup>2</sup>.

A casa dos noivos, no Poço das Patas, não deixava nada a desejar. Brasileiros de gosto com exclamações admirativas visitavam o quarto da noiva, diziam que estava uma capela, coisa muito papa-fina, uma riqueza; e, a respeito do leito nupcial com pavilhão franjado, faziam observações chulas, de um pitoresco obscuro, com gargalhadas e piparotes no ventre sonoro do barão. Havia quartos preparados para Eusébio Macário e José Fístula no segundo andar; no terceiro havia de ficar o abade, separado de Felícia por 55 degraus. Ela tinha a sua alcova no primeiro andar, sob o olho briosamente honesto do mano barão. A vinda do abade, que havia de ser o ministro do sacramento, resolvera-se, se o reumatismo não recrudescesse ao rebentar das árvores. Era preciso contemporizar, disfarçar. Um rompimento declarado do barão com o padre poria manchas, evidências de velha corrupção na pessoa da mana. Ele confiava na prudência dos dois em público, e esperava com a sua vigilância obstar à reincidência das fragilidades humanas. A sua honra e posição social exigiam-lho.

O noivo saiu para Basto com dois amigos íntimos e suas senhoras, para apadrinharem o casamento e condecorarem o préstito. Felícia ficou a dirigir o banquete das núpcias, muito atarefada, fazendo rir as criadas que lhe chamavam a *bajoca*. Uma dama da comitiva era a D. Pascoela, mulher do Trigueiros, doida garantida, de repicamento, com muito ar, mestra em cornudagens, andando às cuadas, em solavancos, dando muita sorte, grande artista de todas as dengueces que fazem saltar dos peitos dos velhos uns pensamentos verdes, como lagartos de entre ruínas. Dava bailes e jantares muito ruidosos, com vinhos especiais: bebia como um hussardo, fazia partidas varonis, quebrava cálices, gritava *hip! hip! hip! Hurra!* e sacudia *shake-hands* como um marujo inglês. Ela tinha sido botequineira da Rua de Trás dos Quartéis, no Rio de Janeiro, e casara com o Trigueiros para descansar, arranjar-se. De resto, muito seca de carnes com boa cara.

A outra era a esposa do comendador Mota Prego, a Nazaré, a triste Nazaré, filha do morgado de Agunchos, o jogador, que morreu a ensinar numa aldeia instrução primária, uma coisa que ele não sabia – a mais falsa das posições a que pode levar a miséria. A filha, muito linda e sem parentes que a recolhessem, foi ser criada de uma freira beneditina no Porto. Um dia procurou-a um homem lustroso de roupas e cintilante de cadeias e pedras finas. Era o Mota Prego que chegara do Brasil, e ia ao mosteiro oferecer a sua fortuna à filha do fidalgo que era seu padrinho, e o mandara ensinar a ler e lhe pagara a passagem, e dera o enxoval. Maria de Nazaré achou bonita, sublime, a gratidão do homem; mas não o queria para marido. Tinha um amor de infância a um primo, filho segundo, pobre, que estudava no colégio militar, e havia de esposá-la quando saísse alferes. Soube-se no mosteiro que ela se esquivava às visitas do comendador. As mães deitaram-se à criada, tratando-a de doida, de besta, porque enjeitava um marido podre de rico; chegaram a chamar-lhe derriço de soldados, e

<sup>2</sup> Este verso do pai dos poetas não o encontram os helenistas na *Ilíada*, nem na *Odisseia*, nem nos *Hinos*, nem ainda nos *Poemetos*. É um fragmento de poema desconhecido. Vai esta nota como um acto de caridade com muita gente que sabe grego e está lendo *Eusébio*. A versão do fragmento, lê-se na tradução francesa da *Odisseia* por Montbel, 3ª edição, pág. 412.



ameaçaram-na de a não deixarem falar ao tropa, quando ele viesse a férias. A madre porteira entendeu-se com o carteiro; recebia as cartas do sargento, e dava-lhe pastéis. O Mota foi informado destas biltrarias monásticas praticadas em seu obséquio e da menina pela madre a quem ele tinha dado de presente um casal de periquitos. Reprovou-as honradamente, e rompeu no excesso de escrever à filha do seu benfeitor, oferecendo-lhe alguns contos de réis para que ela pudesse casar já com o primo, se era a falta de dinheiro que o impedia de se unirem; que lhe pagava assim a dívida que não pudera pagar ao pai. Um heroísmo inaudito e inédito que, se não fosse verdadeiro, seria necessário inventá-lo para abrir no escudo branco da «corporação respeitável» alguma peça heráldica, simbólica de façanha ilustre em matéria de moeda fone, metal sonante, estranha aos pregões das gazetilhas. A Nazaré, a bela alma, admirou-se. – Coitado do homem! – pensava comovida – coitado do homem! Talvez casasse com ele se não amasse Alfredo, apesar de o achar malfeito, muito bajojo. Quando conversava fazia-lhe lembrar o Simão, um preto que era criado da casa paterna e dava cambalhotas para a divertir; mas parecia-lhe que o Mota era bom; e, se lhe não desse a felicidade do coração, paciência; resignar-se-ia passando da sujeição de criada ao descanso de uma tristeza sem receio de que a obrigassem a estar contente, a trabalhar, a distrair a velha ama, e a coçar-lhe as plantas dos pés para a adormecer. Ela, a filha de um Antas de Agunchos, neta de reis, a coçar os pés inchados de uma freira benta, filha de um cirieiro da Rua das flores!

Contos largos viriam aqui de molde, se os velhos processos românticos se admitissem. Houve choradeiras. O sargento ficou reprovado duas vezes e foi mandado servir na linha. Abandalhou-se; andava por Lisboa de cachimbo de barro, com os tacões cambados, cheio de caspa, metido com toureiros de profissão e jantava iscas de fígado na Rua das Pretas. Depois, o pai, um brigadeiro reformado de Trás-os-Montes, foi buscá-lo, e casou-o com uma viúva, couraça velha, que tinha muitas terras. O desgraçado perdera a memória do seu amor de infância; a prima lembrava-lhe às vezes na casa senhoril de Agunchos, quando lhe chamavam a morgadinha; porém, desde que a vida crapulosa lhe deliu a fibra do romantismo, começou a vê-la na positiva pobreza de criada de convento, com um vestido de chita reles e uma touca branca vilipendiosa como distintivo de servidão. Desenganou-a, quando o pai o vestiu e escarolou da crusta do boche e da pelinragem. Disse-lhe que não tinha presente nem futuro; que estava perdido, que o esquecesse e lhe perdoasse o seu infortúnio. As maravilhas do costume.

Daí a dias, um correspondente do *Eco Popular* relatava o casamento do ex-aluno do Colégio Militar Alfredo Pessoa com a rica viúva do proprietário Bogas de Vinhais. Esperava-se que a Nazaré ensandecesse quando lhe chegasse à mão o *Eco* de que as freiras compraram três exemplares que percorreram os dormitórios de cela em cela. Já inspirava paixão a pobre menina. Não houve, porém, novidade extraordinária. Disse à ama que ia casar com o comendador Mota Prego, e saiu do mosteiro numa carruagem do Carneiro do Bonjardim, com trintanário de chapéu embreado com roseta e casaco de gola encarnada. Esteve alguns dias hóspeda de um capitalista chefe de família, e daqui foi para casa do esposo, que a estimava muito, e não lhe percebia a tristeza. Chamavam-lhe por isso a «triste», por antonomásia. Tinha uma grande bondade indulgente com os desvarios de D. Pascoela; uma cristã fidalguia de demência com os vícios vestidos de *moire-antique*, elegantes, visto que a virtude austera, rota, frangalhona, não aparecia na sociedade das suas relações. Conhecera a mãe, uma fidalga magra, com um perfil de santa, um sorriso bom para a morte, e para o marido que se abismara, até cair no magistério das primeiras letras. Falava, como ela, muito baixinho, não fazia gestos, explicava-se de longe às criadas com variados toques convencionais de campainha, e todas as frases numéricas as exprimia com os dedos translúcidos, muito finos, de uma

brancura de marfim rajado de veias azuladas. O marido adorava-a, chamava-lhe *D. Maria de Nazaré*; e, se a não respeitasse tanto, ousaria pedir-lhe licença para a trazer no colo, e adormecê-la no seu regaço como uma pomba que se aninha e fecha os olhos debaixo da mão aveludada de carícias.

Foi a madrinha do casamento e ajudara a vestir a noiva. A botequineira da Rua de Trás dos Quartéis, a Pascoela, dizia ao marido que a Custódia era uma labrega, muito bruta, adiposa, cheia de carne, a cheirar ao raposinho da aldeia e aos unguentos da botica. A Nazaré achava-a bonitinha; que havia de ser boa senhora de casa, e que lhe parecia uma rapariga singela, sem educação fina, mas susceptível de se educar. O Prego afirmava que o barão era tão bruto ou mais do que ela; que mau seria se lha educassem. Este homem tinha bastante espírito; fora sócio fundador de um gabinete literário de caixeiros em Pernambuco, não desconhecia inteiramente o *Telémaco*, os *Suspiros poéticos* do Magalhães, admirava e sabia de cor a *Martinheida* e o *Saque* do doutor Ferro. Quem ele achava muito desfrutável eu era o Eusébio Macário, e dizia que o filho era a quinta-essência do malandrim, e que o barão acanalhava-se casando com tal criatura. Ele tinha nas veias, por transfusão sudorífera da esposa, um pouco do sangue dos Antas de Agunchos, descendentes por bastardia de Afonso II, o Gordo.

Maria de Nazaré ajudou a vestir Custódia de noiva. Atacou-lhe o colete e acolchetou-lhe o vestido de cetim branco, obra primorosa de Madama Andillac, com rendas de Bruxelas; deitou-lhe o véu de blonde, cingiu-lhe a coroa de laranjeira, e lançou-lhe o adereço de brilhantes e pérolas, a mais rica peça que saiu da oficina do Espírito Santo, na Rua de Santo António. Assim trajada, a filha de Macário tinha muito que invejar à camponesa de garibaldi vermelho, com a camisa tufada na cintura. Parecia uma rainha das velhas comédias, do *Ataxerxes, rei da Pérsia*, a *Inês* na cena da coroação, como ela se fazia em Guimarães e em Amarante, nos seus dias de arte próspera rival de Atenas e Florença. O Mota Prego achava-a muito pantafaçada; e a plebe, quando a viu passar para a igreja, chamava-lhe um «porparo» como nunca se vira; que o diabo não tinha sono, que era um entrudo, que estava o mundo a acabar-se, que a vida era para as «moinantas» como a Custódia *boticária*; que não sabiam por que carga de água o brasileiro se enrabichara com aquela trapalhona, que mostrava as pernas nos lavadouros.

O casamento celebrou-se de manhãzinha. Da igreja saíram em liteiras para o Arco, onde os esperava o almoço, encomendado pelo barão. Pernoitaram em Amarante, na estalagem da Capadeira, onde os esperava com ceia lauta o brasileiro de Fregim que levou uma chula com duas requintas; e as filhas da Capadeira, três moças esbeltas de muita feição, dançaram com o José Fístula – grande pagode até ao romper da manhã. Os noivos tinham-se deitado, e disseram que os assobios agudos das requintas os não deixaram pregar olho. O abade piscava ao Mota Prego, que dizia ao Trigueiros que as requintas é que pagavam as favas. Nesse dia à noite, com grande fadiga, chegaram ao Porto. A baronesa tosquenejava na liteira com sono; o marido também; e, como iam defronte um do outro, às vezes davam marradas; acordavam estrouvinhados, riam-se, e beijavam-se murmurando arrulhos de pombos.

## IX

No dia seguinte houve o jantar nupcial.

A Felícia apareceu vestida à grande, de seda verde, com saias rijas que faziam frufriu, e botinhas de duraque que rangiam nos tapetes com pompa. O abade apenas pudera cumprimentá-la à chegada, e levaram-no para o terceiro andar, onde tinha a cama, cinquenta e cinco degraus acima de Felícia. Não pudera dormir nem abrir o Breviário, como tentara, para exorcismar o diabo dos ataques, o número três dos inimigos da alma. Lembrou-lhe tudo. Aquele caso do lobo que matara quando ia de noite à choupana de Felícia que o esperava de saia de tomentos, na lareira, ao pé da raiz do torgo em brasa, a fiar; o caldo de leite que comiam com talhadas de abóbora; a cabaça do vinho da Ribeira por onde ambos bebiam; o leito de bancos com mantas grossas de listas pretas e lençóis de estopa de uma frialdade húmida e um cheiro de paredes ressumadas. Vinha derivando daí no pendor de dezasseis anos; acusava-se um pouco do seu tédio, das suas perfídias, noitadas com a fidalga da luneta, com a Canelas, com a Troncha, uma infinidade de rapaziadas, asneiras; mas isto não desculpava Felícia, que o aturava, sempre carinhosa, a impostora, enquanto não teve irmão brasileiro. Era injusto. Ela podia, se o hábito a não prendesse ao Justino, o travesso estudante, o seu único amor na mocidade, estar há muito nas regalias da fortuna, de um marido e da convivência com gente fina.

Ao outro dia de manhã, quando descia para almoçar, encontrou-a na passagem do patamar do segundo andar.

– Anda lá que me saíste boa peseta! – disse-lhe.

E ela com arremesso:

– Então que queria? que eu deixasse o mano?

– Desalmada! – gosmou o abade, engolindo alguns substantivos fortes, menos figurados. – Depois de dezasseis anos, fica-te pra aí, desgraçado!

– O senhor passa bem sem mim; lá tem a Eufémia, lá se arranja.

– Pudera não! Mulheres há tantas como a praga.

– Pois se há, deixe-me. Olha que espiga! – E voltou-lhe as costas.

– Que rolha! – murmurou o abade, e safou-se; ouviam-se passos.

Ao jantar, muitos brindes. Eusébio Macário, quando ia para a mesa, foi chamado à guarda-roupa do genro que lhe vestiu uma casaca nova com o hábito de Cristo na lapela. Uma surpresa exultante que poderia bestificá-lo se ele não tivesse uma constituição bem formada. O barão iniciava a nobilitação do sogro com 76\$000 réis que lhe custara o hábito, cinquenta para o Estado e vinte e seis de luvas para o Lobato, o seu procurador. O Mota Prego brindou a Eusébio Macário:

– Que aquela insígnia de cavalaria representava merecimentos de serviços feitos à humanidade e à Pátria, ambas doentes; que o distinto farmacêutico era também um trunfo eleitoral, que ao mesmo tempo manipulava vesicatórios para os inchaços doentes do tesouro. Que Sua Majestade a Rainha, galardoando Eusébio Macário, remediava a injustiça de seu avô que deixara morrer despremiado e pobre num hospital, Duarte Pacheco Pereira.

D. Maria de Nazaré ouvia as ironias do marido, receando que lhas entendessem. Ele bem sabia que o seu único auditório inteligente era ela.

O Cavaleiro de Cristo ergueu-se:

– Não posso deixar de responder ao exímio discurso do Ilustríssimo Senhor Comendador, cujo acabámos de ouvir. Eu queria ter a sabedoria de um Camões, ou ser

qual outro Bocage para exprimir as minhas ideias, sim, para explicar o que tenho no pensamento. Mas eu não sou Camões nem Bocage, esses grandes homens. A Natureza não me deu talento; nem a eloquência de Cícero que foi o homem mais sábio da Antiguidade, no tempo dos Romanos, como diz o *Manual Enciclopédico*. Mas não posso deixar de responder ao Senhor Comendador a respeito dos meus serviços à humanidade e à Nação portuguesa a que todos temos a honra de pertencer, a Nação mais valente do mundo, que não tem segunda, acho eu, nas valentias; vencendo os Mouros, os Espanhóis e os Franceses, como se pode ver no *Manual Enciclopédico*. Devemos ter muita honra porque *samos* portugueses, ou lusitanos que é a mesma coisa. Já fomos mais ricos do que *samos*, isso é verdade; mas se o excelentíssimo senhor conde de Tomar se conservar no governo, havemos de tornar ao que fomos, se entre os Portugueses houver paz e concórdia; mas, se não houver, então, meus senhores, a Nação portuguesa está de cangalhas, os setembristas dão cabo da indústria, das finanças, da marinha; e o general Concha, como aconteceu na Maria da Fonte, vem tomar conta desta desgraçada mãe que os maus filhos reduziram à expressão mais simples. O grande Afonso Henriques, que está enterrado em Coimbra, há-de então erguer-se de pé na sepultura, e dirá coberto de lágrimas: «Onde está o meu reino? onde está a tropa valente com que eu venci no Campo de Ourique sete reis mouros?» (*Sensação nalguns brasileiros. O Prego dá de olho à esposa que baixa os olhos compungidos como se assistisse ao sermão do encontro. José Macário estorce-se envergonhado, corrido, danado. O barão do Rabaçal admira o sogro. A baronesa está a fazer no regaço torcidas com a franja do guardanapo. A D. Pascoela olha para os ademanes do orador com uma atenção irónica, de chacota, relanceando olhares críticos, desfrutadores, às caras soezes dos convivas, O abade, que tinha bebido como os amantes infaustos do romantismo, Musset, Keats, Percy Bisshe Shelley e Espronceda, estava muito espapado, sonolento, bocejando, babando-se e fumando cigarros com a maior descortesia, como um canudo de fábrica.*) Não me lembra onde foi que eu li que Portugal já estaria riscado do mapa da Europa, se não fosse o senhor conde de Tomar, que foi aos remos estrangeiros buscar gente para conservar o trono de Afonso Henriques. E por isso, meus senhores, que eu sou cartista, e hei-de sê-lo até à morte, enquanto tiver nas veias a última gota de sangue português. Há nove anos que ando metido em eleições. Aí está o senhor abade que não me deixa mentir. Tenho arranjado votos para os senhores Cabrais; alguns me custaram o meu dinheiro, a minha farmácia era *grátis* para os eleitores, e em 1845 fui ameaçado de levar cacetadas dos setembristas, que chegaram a ir pendurar-me chifres na padieira da porta da botica, os patifes! (*D. Pascoela espirrou uma risada irreprimível, como o testo que salta de uma panela em cachão. O José Fístula deu na mesa um murro e rangia os dentes. O abade, afirmando a vindicta afrontosa dos chifres, arquejava de riso. O marido de Pascoela, Trigueiros, o prudente, estava sério, concentrado. Mota Prego sentia uma alegria vertiginosa, um bem-estar que lhe dava guinas de espojar-se. O Macário, não descontente do trecho cómico do brinde, esperou que a casquinada dos risos cedesse à atenção que ele pedia com o aprumo do busto e o braço estendido.*) Tenho sido uma vítima, sempre leal ao partido da Carta, e nunca pedi nada; antes, pelo contrário, tenho dado muito bons pintos para comes e bebes eleitorais, e onde era preciso falar, ia eu; e, bem ou mal, explicava o pensamento, dizia aos lavradores o que é a república, a pouca-vergonha dos comunistas, uns ladrões que querem a repartição do que nos custou a ganhar enquanto que eles andavam a garotar pela Porta de Carros e a pandilhar pelos botequins – o Alves Martins, o Evaristo Basto, o Parada Leitão, o Camilo, uma corja de vadios que não têm onde cair mortos. São estes os republicanos do Manuel Passos, que fazem gazetas a pregarem a igualdade e a fraternidade! querem limpar a carepa à nossa custa! uma canalha! raios os partam!

(*Brasileiros apoiaram veementes: – Muito bem! sim, senhor, etc.*) Aqui está o que são os republicanos, os do *pé-fresco*, a pândega da Viela da Neta. Enquanto tiver nas veias uma gota de sangue português, eles não-de passar por cima do meu cadáver. (*E batendo no peito*): Eusébio Macário é cartista puro, e cartista há-de morrer. A respeito desta venera de Cavaleiro da Ordem de Cristo (*mostrando a cruz na lapela*) instituída por el-rei D. Dinis em 1318, segundo diz o *Manual Enciclopédico*, grande autor, disse o senhor comendador Mota que é uma justiça que me fez a nossa augusta soberana. Há-de haver oito anos que eu falei ao nosso deputado para me darem estas honras em paga dos meus serviços à Rainha e Carta. Mande os meus papéis para a secretaria, e escrevi pessoalmente ao senhor conselheiro Silva Cabral. Não me deram cavaco, e eu continuei fiel ao meu partido, sempre alerta, ao pé da urna, pronto a dar a última gota de sangue das minhas veias; mas agora, o meu genro, o senhor barão do Rabaçal, querendo honrar-me, escreveu ao seu procurador em Lisboa; os meus papéis subiram à presença de Sua Real Majestade, e foram despachados. Dizem-me que o deputado era miguelista, e andava a chamar-me asno, tendo-lhe eu arranjado quarenta e quatro votos, com o meu quarenta e cinco; por isso Sua Majestade a Rainha não estava ao facto da minha justiça. (*Havia trejeitos de pessoas maçadas, bocas abriram-se; pernas por debaixo da mesa tocavam-se. A D. Pascoela coçava a asa direita do nariz com o leque. Sensação geral de estopada. E ele com entusiasmo*): Um bom cidadão, quer lhe façam justiça quer não, deve ser um bom cidadão. Este hábito de Cristo, cujo estimo muito por vir de quem veio, não me faz mais cabralista do que era. A minha ambição é dar o meu contingente para o progresso bem entendido, não sei se me percebem? O progresso bem entendido é o bem-estar do físico e do moral, quero dizer, que se derramem as ciências pelo povo e que se façam estradas, ou viação pública, que é o mesmo. (*Arrebatado*): Quem tem feito mais estradas que o Excelentíssimo Conde de Tomar? Quem fez a estrada de Valongo? Quem fez a estrada de Braga até aos ziguezagues? Eis aqui está por que eu hei-de ser cabralista enquanto puder ligar duas ideias e manejar uma clavina de dois canos. Rainha e Carta ou a morte! (*Cansado, com esfalfamento, solene e de manso*): Meus senhores, eu bebo à saúde do grande homem, do ministro patriota que nos livrou dos comunistas da Maria da Fonte, do exímio conde de Tomar, António Bernardo da Costa Cabral; espero que todos bebam a virar, e acreditem que Portugal, enquanto for Portugal, pode ser que tenha outro que se pareça com ele, mas duvido. À saúde da Cana e da Rainha, e do senhor conde de Tomar e da sua ilustre família, e também da família real!

O brinde foi correspondido com a gravidade muda e respeitosa que se devia à família Costa Cabral e à dinástica. O próprio abade, posto que esturrado e gritador nos brindes políticos, tinha caído num marasmo sonolento, prenúncio temeroso de apoplexia alcoólica. Às vezes volteava os olhos coruscantes a Felícia e sentia a perturbação das lágrimas a subir-lhe do íntimo, um nó que o entalava, como nas mulheres histéricas. Assim que Eusébio acabou de falar, pediu ao barão licença para se recolher, e encostar-se; queixou-se de enxaqueca; e, quando Felícia lhe perguntou se queda tomar chá, curvou a cabeça com profunda reverência, e respondeu: «Obrigado, excelentíssima senhora, não tomo nada.»

Ela ficou a cismar, entrou no seu quarto, pôs-se a olhar através das vidraças para os candeeiros que bamboavam projectando sombras oscilantes nas lajes do passeio, e aguaram-se-lhe os olhos. O barão procurava-a, receoso de que ela seguisse o abade.

Passaram todos para a sala de visitas, onde estava um piano de cauda de Erard. O barão levantou-lhe a tampa e disse com ufania: – Cento e cinquenta libras, hem? – Maria de Nazaré tocou uma ária da *Semíramis*. Acharam aquilo triste. A Pascoela pediu-lhe um tango. Disse que não sabia. – E um fadinho? – Que também não.

– Lá pra fadinhos, aquele! – disse o barão apontando para o cunhado.

Todos a pedirem-lhe que cantasse, que tocasse. O Fístula disse que só tocava banza e guitarra. D. Felícia lembrou que na cocheira havia quem tocasse guitarra: era o trintanário, um mulato que tinha alegrado de cantares torpes a cocheira do Lopes alquilador. Que viesse a guitarra.

O José Macário, feito um grande silêncio, afinava, premia as cordas, correndo-as de alto a baixo, distendendo-as, tirava acordes, transportes segundo a arte, subia diatonicamente, feriu sustenidos, pelas regras da oitava; depois tocou uma contradança, o hino de Pio IX.

- O fado, o corrido! – pediu D. Pascoela.
- Sim, um fadinho! – muitas vozes a pedirem fadinhos.
- Mas que seja decente – observou Eusébio Macário circunspectamente.
- Isso nem é preciso dizê-lo – emendou Trigueiros.
- O José sabe muitos decentes; – disse a baronesa
- olha, diz aquele:

*Passarinhos que cantais  
Nesse raminho de flores,  
Cantai vós, chorarei eu,  
Que assim faz quem tem amores.*

E o Fístula:

- Vá lá.

E sentou-se ao centro, ao pé da jardineira, estendeu uma perna, cruzou a outra, numa atitude gingada, atirou as melenas frisadas para trás das orelhas, arregaçou os punhos, pôs o charuto no mármore, inclinou o tronco sobre o braço da guitarra, e dedilhou em harpejos gementes o prelúdio do fado de Coimbra. Começou-se então a sentir um tremelicar de cadeiras e um vibrátil sapatear de tacões de sapatinhos ao compasso das notas plangentes. Eram a baronesa do Rabaçal e D. Pascoela Trigueiros que se remexiam involuntariamente, obedecendo a uma fatalidade nervosa de saracote, que lhes punha nas nalgas e na cintura uns derrengues lascivos de uma brejeirice encantadora. Houve gargalhada. A Pascoela baixou o rosto para arranjar um pudor à sombra do leque; a baronesa confessou ingenuamente que não podia resistir àquilo.

Depois o Fístula cantou a glosa da quadra, que a irmã lhe dissera, com umas tonalidades roucas, de sentimentalidade canalha, com intermissão de uns *oras* e de uns *ais* mui langorosos, o *zing* fadista de cervejarias e botequins de lacaios. Havia versos que ele cantava com morbidezas gaiatas, pondo os olhos nos florões coloridos do estuque. Dirigia-se ao passarinho:

*Vós sois o mimo do Fado,  
Eu da Fortuna o desprezo;  
Vós em liberdade, eu preso,  
Vós feliz, eu desgraçado.  
Oh! que diferente estado  
O Fado a cada um nos deu!  
A mim, passarinho meu,  
Com affecto diferente,  
Eu em penas, vós contente...  
Cantai vós, chorarei eu.  
Ai torradas com manteiga,  
Torradas não quero mais,*

Etc.

Que muito bem; que continuasse. – O Mota Prego prometia-lhe umas décimas que os fadistas portugueses cantavam no Rio:

*Uma coisa cá que eu sei.*

O Fístula sabia-as. – Isso sabe ele tudo quanto há, o pândego! – disse Eusébio Macário com secreto júbilo de ver o filho bem colocado numa sala, mercê do fado, entre titulares, comendadores, alegres, em intimidades expansivas. O José preludiu, e cantou:

*Custa ao náutico a tormenta,  
Ao soldado a dura guerra;  
Custa ao pastor que na serra  
Zora, o lobo o gado afugenta...*

Foi dizendo as coisas que custavam: a miséria do pobre, a rectidão ao rei, a separação do bem-amado:

*O rigor do injusto fado,  
Andar triste e amofinado  
Por se haver sujeito à lei,  
Deus d'amor...*

Não se lembrava, e repetia:

*Deus d'amor!...*

Empenou; ia a desistir, quando a Pascoela, num ímpeto de artista indomável, cantou na mesma toada:

*Deus d'amor! Confessarei  
Que é martírio o mais agreste,  
Porém inda excede a este  
Uma coisa cá que eu sei.*

Muitos aplausos. A do Rabaçal, também artista, arrebatada, muito chula, abraçou-se nela; mas o Trigueiros, o marido, com as costas voltadas para ela, disfarçando, a bolir numas quinquilharias do fogão, resmungou: «Forte bêbeda!» E o Mota Prego ao ouvido da esposa: «Olha a botequineira, olha a botequineira! é a voz da natureza.»

## X

Eusébio Macário passou a botica. O genro exigira-lhe e ele condescendera sem excitação. Sentia-se outro homem. O baronato da filha dera-lhe a vaidade legítima de a ter fecundado, via em si um produtor com predestinação; não podia ser mera casualidade aquela brisa forte da fortuna que lhe ventara um ror de prosperidades, coroando-lhe a Custódia que parecia destinada a dar em droga, e armando-o a ele Cavaleiro de Cristo. Achava-se na roda dos titulares e dos capitalistas. Polia-se sem saber como. A fortuna insensivelmente dava-lhe um verniz que lhe ocultava os laivos da ignorância e da bruteza aldeã. Lia a política do dia, interessava-se, discutia na Assembleia Portuense de que o fizeram sócio, e jogava o gamão com o presidente da Câmara, o conde de Alpendurada, seu correligionário ardente, ou com o visconde de Vila Verde que o admirava nos alvires políticos. As vezes, os três discordavam, pegavam-se e tinham questões azedas no Palheiro, a discutirem qual dos dois Cabrais era o marquês de Pombal. Desconchavavam-se também sobre posturas municipais, tendentes à sanidade pública. Eusébio Macário vencia-os sempre com os seus conhecimentos de farmácia, citava autores, e explicava o efeito dos gases nocivos à respiração. Incomodava-o, porém, a própria inércia: queria ser prestadio aos seus concidadãos, provar a sua capacidade, pôr a mão na coisa pública; achava-se com dotes para camarista, e confiava a sua sorte à fortuna nem sempre discreta com as grandes capacidades. O Mota Prego dizia-lhe que se fizesse ouvir a miúdo, que granjeasse a pouco e pouco a aura pública, e contasse com o Porto que era o clima por excelência dos homens da sua têmpera. Consultava o genro. O barão dizia-lhe que comesse e bebesse, e que se deixasse de asneiras.

Quanto a José Macário, compôs-se muito, prodigiosamente. A irmã vestiu-o ao bizarro, no Augusto de Moraes; a bela casaca azul com botões de metal amarelo, judia com capuz e alamares, a calça muito apertada, à inglesa, a cair direita sobre a bota de polimento; relógio de ouro com *chatelaine*; chapéu de castor branco; badine e luneta de um vidro sem aro. Vestia-se a imitar o Eduardo Chamiço, o Ricardo Brown e o Diogo Maria de Murça, os elegantes primazes de Portugal naqueles dias em que os alfaiates formavam o corpo e a alma dos fregueses. Estava muito relacionado no teatro lírico e no café Guichard. Quem o apresentava dizia sempre: «O Sr. José Macário, mano da senhora baronesa do Rabaçal.» Não encontrava no círculo das suas finas relações algum fadista curioso. Ainda os não havia fora das tabernas da Porta de Carros e das alfurjas da Porta Nobre, ramificações do Pepino de Cima do Muro. O faia começava então a surdir na capital das cavaliariças dos fidalgos pela coesão do filho segundo com o laçai. No Porto era desconhecido ainda o fidalgo toureiro, guitarrista, espancador e bêbado. Neste meio, a sua paixão do fado ia esmorecendo, à míngua de auditório. Ele mesmo não ousava alardear a prenda com receio que lhe farejassem uma origem biltre, de ralé. A compostura dos atavios corporais parece que lhe formalizava as ideias; saíam-lhe as palavras penteadas, correctas, e às vezes rendilhadas de locuções de Virgílio com que ele lidara cinco anos em Braga, quando fingia ordenar-se de clérigo. No café Guichard havia quem o julgasse inteligente; pedia-se-lhe a sua opinião a respeito dos folhetins do Evaristo Basto e das poesias de Alexandre Braga. Ele, às vezes, achava os folhetins chistosos e as poesias bastante sentimentais. No teatro de canto era igualmente consultado, e dizia coisas menos más. Encostava-se nos entreactos à grade da música e ouvia a opinião do Ribas, seu conhecido de casa da irmã, porque uma Ribas era mestra de piano da baronesa do Rabaçal. Depois, às vezes, deturpando a crítica do chefe da orquestra, dizia destampatórios; mas isso era o mesmo; os seus ouvintes eram dignos do



oráculo, e exprimiam uma grande força no estalo das palmas ou no estrupido bestial das pateadas, ora à Belloni, ora à Dabedelle.

Tinha namoros de quarentonas casadas, gordas, relíquias da raça forte turdetana já agora extinta no Porto, baluarte esboroadado da liberdade, dos bancos e das grandes mulheres sanguíneas. Lembrava-lhe um casamento rico; mas as herdeiras opulentas pareciam esquecidas dele. Os amigos, quando o barão estava com a família na sua frisa 19 de assinatura, diziam-lhe que a irmã do cunhado ainda era fazenda muito limpa, e perguntavam-lhe se era certo o barão dotá-la com quarenta contos, dizia-se. Alguns punham-lhe os binóculos com insistência petulante; e ela, baixando os olhos, dizia à cunhada: «os demos dos asnos!» José Macário reparava nos olhares, nas atitudes romanescas de uns sujeitos especialmente resolvidos a casarem ricos, uns que visitavam a frisa 19, outros que assestavam os binóculos disfarçadamente por entre as carecas dos burgueses da inferior. Não sabia, ao certo, se olhavam para a irmã, se para Felícia; parecia-lhe, porém, que daria alguns pontapés no janota que se enfeitasse para qualquer das duas. Tinha um grande amor de família, cheio de decoro e resoluções de pancada. Torcia então os bigodes com frenesi, e atirava a guedelha com arremesso para a nuca, chibatando a perna com a badine. Uma noite não se pôde dominar, e perguntou a um bacharel, um loiro de pêra, se era retratista. O interrogado, com a maior sinceridade, respondeu que não, que era formado em Direito. E o outro: «Cuidei que era retratista pelo muito que o senhor olha para as caras da frisa dezanove; mas, se está formado em Direito, tenha cuidado consigo, que eu posso formá-lo torto.» O dito foi celebrado como pilhéria de fina valentia, e o bacharel absteve-se de chamar a atenção de Felícia aos lampejos do seu binóculo.

Era uma vida gloriosa, triunfada, a de José Macário. Cavalgava os alazões da parelha, guiava o *break* com temerária felicidade, ia adestrar-se ao circo dos cavalinhos, fazia curvetas na Rua de Santo António, lia os praxistas da gineta, e aprendia a falar francês com um militar que viera ao serviço do imperador, com o Pierre luveiro, e com uma bandoleira parisiense que morava em Miragaia em concubinação com um italiano de realejo. Mas este céu azul de vida bonançosa, toda regalos, às vezes tinha nuvens que lhe punham negruras tristes intermitentes. Ele estava uma vez no *trottoir* da Praça Nova defronte da modista Guichard. Havia procissão. Senhoras de muito espavento com grandes pavezes de chapéus emplumados e fitas ondulantes enchiam as sacadas. Estava lá a D. Pascoela Trigueiros. Ele, numa roda de notáveis, punha nas janelas olhares vagos, dissimulados, discretos; mas os da súcia sabiam todos que a Trigueiros se encontrava com José Macário na Cruz da Regateira, num casebre, ao fundo de uma quinta. Contavam-se partidas rijas dela, atrevimentos, cenas patúscas, invejáveis, de uma corrupção do baixo-império. O caseiro da quinta contara ao padre Margaride, um devasso, que uma vez os ouvira, os dois, a cantar o fado à compita, e que deixavam garrafas de licor vazias e bocados de pastéis com mariscos. O padre nem sempre caluniava. Era verdade.

Nessa ocasião, ao lado do grupo dos janotas estavam três carreiros, de uns que carregam ferro para a província, com as aguilhadas cingidas ao corpo, à espera da procissão, com as bocas muito abertas, a olharem para as mulheres das janelas, e a calcularem os centos de «mel-réis» que elas tinham sobre o corpo. Um dos três fitou acaso Macário, arregalou os olhos, e disse: – Ó Francisco da Quitéria, aquele casaca que tem um vidro no olho não é o José Fístula? – Ou o diabo por ele – fez o outro. E o terceiro: – Diabos me levem se não é o Fístula. Pede-lhe os três pintos, anda, mexe-te, Ferramenta!

O Ferramenta chegou-se muito de manso, timorato, coçando a orelha, com o chapéu na ponta da vara, e disse-lhe:

– Faz-me o favor de me dar aqui uma palavrinha, com licença destes senhores?

José Macário encarou-o de catadura torva; não se lembrava nitidamente do homem: – Que quer?

– Ainda que eu seja confiado, o *sor* não é de Santiago da Faia, o *sor* Zé... *Fístula*, há-de perdoar?

Ele saiu do grupo, desceu do passeio, e, a distância dos outros, repetiu: – Que quer você?

– Eu sou o José Ferramenta.

– Sim... que mais?

– Vossemecê *escorda-se* daqueles três pintos que lhe emprestei no S. Torcato, há-de fazer cinco anos em Julho, por sinal que estava vossemecê a comer vitela da barraca do Cambado com a Margarida de Mondim, a mais a Tripa Furada da Raposeira? *Escorda-se?*

– Não me lembro – atalhou, cheio de nojo e ira, o Macário – mas tome lá os três pintos, e adeus.

– Passe muito bem. – Que desse visitas ao pai que lhas mandava o amigo velho, o Ferramenta, e que lhe dissesse que fazia lá muita falta com a botica; que o boticário novo andara a despejar na estrumeira os remédios quase todos que achara, e a dizer que o Macário, com licença dele, era um jumento.

O irmão da baronesa ouvira-o pelas costas. No grupo de janotas espirravam frouxos de risos maus; um deles dizia; *é o sor Zé Fístula... há-de perdoar* No grupo dos carroceiros havia alegrias de mais inocente júbilo. O da Quitéria dizia que ia pedir ao *Zé boticário* uma de doze para beber uma canada do Douro no Rainha.

Nestes comenos apareceu no Largo da Feira a vanguarda da procissão, o estandarte tremulante, inflado pela ventania. Os lavradores correram para lá com grande estridor de tamancos; e José Macário, obedecendo a um aceno de D. Pascoela, subiu à sala da modista, e viu desfilar a tragédia ambulante das coisas sagradas da Paixão de Jesus por entre as espáduas de três Madalenas incorrigíveis.

O Trigueiros, na véspera, terça-feira de Entrudo, estava na mascarada do Teatro de São João. Andava contente, numa súcia que seguia um dominó de muita chalaça, o Faustino Xavier de Novais, que disputava o auditório a outro dominó de elegantíssimo chiste, o Evaristo Basto o criador do folhetim no Porto. O Trigueiros fugira do Evaristo que dissera, mostrando-o aos que lhe faziam cauda: «Este sujeito tem a cor do mouro de Veneza; mas cumpre não o confundir com Otelo.» Ele entendeu; tinha visto no Rio de Janeiro o João Caetano dos Santos representar um miserável Otelo deturpado de Ducis pelo poeta Gonçalves de Magalhães.

Safou-se incomodado, e foi distrair-se nas pilhérias do Faustino de Novais que perseguia os sapateiros vestidos de príncipes e as colarejas de pastoras e tirolesas. Andava no salão um máscara desconhecido, trajado de vestes roçagantes de profeta, com grandes barbas e capuz. Dizia chamar-se Ananias, e dava vaticínios e rebuçados às senhoras. Tinha mãos finas de marquesa, enluvadas *gris-perle*; não lhe viam os pés uns sujeitos que acham fácil no Porto *matar* o máscara que os não tem agigantados. O Ananias também escrevia a lápis umas quadras que distribuía, com rara delicadeza em mascarados, quando não queria vexar as vítimas. Ele parara diante do Trigueiros que se sentara por baixo da frisa da esposa. Contemplava-o silencioso, de braços cruzados. O povo fez meia-lua. Esperava-se chalaça grossa. O Faustino, de passagem, dissera:

*Ó profético Ananias,  
Não me bulas co Trigueiros,*

*Tem respeito às garantias  
Que lhe dão os seus dinheiros;  
Essas frases que tu chias  
São perdidas com negreiros.  
Não me bulas co Trigueiros,  
Ó profético Ananias.*

E desapareceu.

– Pedaço-de-besta! – resmungou o marido de Pascoela.

– Não abuses dos teus dinheiros, argentário! – disse-lhe em tom cavernoso Ananias.

– Bolas, meu amigo! – tornou o Trigueiros com um gesto de enfado ameaçador, cerrando os punhos grandes como pês de sete cotovelos. – É o máscara, solene:

– Não batas no profeta que o Senhor te envia como fizeram os de Jerusalém. «Jerusalém! Jerusalém! que matas os meus profetas!...», disse o Senhor Depois tirou do interior da túnica a sua carteirinha, escreveu, de modo que os circunstantes não lessem, o que quer que fosse, deixou cair o papel dobrado no chapéu que o Trigueiros tinha de copa para baixo sobre os joelhos, e afastou-se, muito a passo, na cadência trágica, rítmica do Santo António do Brás Martins.

Trigueiros foi à frisa, disse que estava aborrecido, fatigado, que lhe doíam os calos, que se queria deitar. A esposa não o contrariou; também estava aborrecida; tinha ouvido os versos no Novais; receava escândalo, barulho; e, demais a mais, o José Macário estava no baile das Senhoras Regras, na Rua de Santo António, e ela ralada de despeitos, ciúmes, com grande ferro. Em casa, observou que o marido soprava, arrastava as chinelas de ourelo, e dava ais. Estava afeita àquilo; pegou a dormir, do lado da parede, com as costas envoltas nas rendas da camisa, que faziam crespos sobre as espáduas escabrosas de ossos e refegos pilharengos. Ele deitou-se também; e, pelo hábito daquelas tribulações, adormeceu, feito o seu plano.

No dia seguinte, procurou na Praça o barão do Rabaçal; chamou-o ao pátio do Banco Aliança, e contou-lhe o caso do teatro, a sua vergonha, o descrédito da sua senhora, as suas suspeitas realizadas. Tirou da carteira um papelinho:

– Aqui tem você o que me deitaram dentro do chapéu. Veja você isto...

O barão leu:

*Se tu tens sede, ó nafário,  
De quebrar uma costela,  
Vai quebrar as de Macário,  
E não poupes Pascoela;  
E, à falta de vet'rinário  
Pode endireitar-lhas ela.*

– Que diz você a isto?

– Si é verdade, acho feia acção de meu cunhado, e ponho na rua ele. Sossegue; esta questão é comigo, hem? Mas você, Trigueiros, não faz bem lhe dar crédito a máscarados. Si fosse comigo a passagem, escavacava ele, ou ele mi escavacava.

O Trigueiros não era teimoso, opiniático nas suas ideias; achou razoável o barão; era tolice aceitar uma denúncia anónima das mãos de um pulha mascarado, de algum inimigo invejoso, intriguista e cobarde.

Mas o barão, cheio de gestos, bufando as palavras, altercava com a esposa, e lia-lhe a sextilha, que o outro quisera rasgar, e ele guardara para documentar a acusação. A

baronesa, muito íntima da Pascoela, sabia tudo; a doida era ardente, expansiva, falava-lhe da sua paixão como de um facto lícito, de um direito conquistado com lágrimas, de uma compensação aos dissabores do seu viver com um marido estúpido, parrana, com mau cheiro na boca e flatulento. Ela sabia tudo, mas negou que seu irmão tivesse negócios, particularidades com Pascoela, prometendo avisá-lo que não desse motivo a suspeitas. O barão replicou que era amigo de Trigueiros, que não queria que os seus familiares desonrassem os seus amigos; e, se José não tomasse juízo, que o punha no olho da rua. A filha de Eusébio Macário não tinha resistências, caprichos com o marido. Ele era rude, áspero, esquivo a carícias. Já lhe tinha dito que não queria que o cunhado tivesse demasiadas palestras a sós com a irmã; tinham-lhe contado estroinices, comezainas no Reimão, nos quiosques do Maneta com alguns súcios, actrizes pelintras e mulheres de cavalinhos. Falara ao sogro a esse respeito; e Eusébio Macário observou que o rapaz era telhudo; muito asno com o mulherio; mas estaria talvez na mão de seu genro corrigi-lo, dando-lhe na sociedade uma posição séria, definida. O barão entendeu que se tratava de uma emprego na Alfândega ou no Governo Civil; prometeu cuidar disso.

Mas a ideia de Eusébio Macário ia mais longe por vias tortuosas, guiado por um condutor que parecia infame num país menos civilizado. Ele meditava no casamento do filho com Felícia. Sabia que o dote, se ela casasse à vontade do irmão, seriam cem mil cruzados. Nesta boa comédia da sua fantasia risonha, o personagem do abade pertencia às *figuras que não falam*. O amante de Felícia não pesava nada na consideração de Macário; ao mesmo tempo o barão, prudente e delicado, pensando alguma vez em casar Felícia com o cunhado, não aventara a ideia por entender que as suspeitas relações da irmã com o abade impediriam o consentimento de José Macário, se ele tivesse algum brio. O homem não sabia com que gente se metera, posto que, uma vez ou outra, lhe lembrasse a frase do abade: «Estes Macários são de má raça.»

O pai comunicou à filha as suas ideias: – que morreria feliz deixando o José rico pelo casamento com Felícia; que a história do abade eram águas passadas, esquecidas, coisas ignoradas no Porto, e que o dinheiro era um sabão que lavava todas as nódoas. A baronesa abundava no conceito que o pai fazia do sabão. Não lhe ocorreu contrariedade alguma, a não ser a vontade de Felícia. Prometia palpá-la; que daria resposta.

O abade aparecia de mês a mês; tivera uns leicenças, supurara e melhorara do reumatismo. Revia-lhe sangue renovado, facilitavam-se-lhe as digestões, nutrição rápida a olhos vistos. Eufémia tinha uma justificada bazófia da gordura do padre; era um triunfo sobre Felícia, que o trazia magro, emplastrado, todo carunchoso, na espinha. Na freguesia dizia-se que ele era outro desde que a Felícia se fora. Mulheres beatas atribuíam as melhoras à separação da fêmea, que andara fora da graça de Deus, empecada dezasseis anos. A Troncha regalava-se de o ver dentro da graça divina que o engordava com o auxílio de bifos de lombo, de galinhas recheadas e patos assados. Nesta alimentação gelatinosa, o abade provocava tentações, aguilhoadas do inimigo das pessoas fartas. O demónio foge dos anémicos e cloróticos; despreza-os quando os reduz a isso; dai os santos e as santas, as magras Teresas de Jesus e Margaridas de Cortona, os esburgados Antões e Pacómios anacoretas. A Felícia, vendo-o tão mudado, tão fresco e bom, dava-se interiormente a perros, sentia-se afrontada, envergonhada da Eufémia que havia de dizer: «Fui eu que o pus assim.» Ele contava à baronesa e à Felícia com intenção velhaca as qualidades impagáveis da Eufémia, o seu bom governo, a limpeza da casa, os petiscos que cozinhava, muita criação de patos e perus, ricos cevados, sabia fazer creme, doces de calda, e trazia a secar muitas travessas de marmelada. – Estou muito bem – dizia – estou muito bem, graças ao Altíssimo; e trato de comer e beber e passear; a abadia dá para tudo; tenho coadjutor a quem empurro as maçadas; e ando

com ideias de me propor deputado; quero ir até Lisboa; ver mundo, divertir-me; isto da vida são dois dias. Leve o diabo paixões e mais quem com elas medrou.

A Felícia ganhou-lhe ódio, sem intervalo lúcido de amor nem saudade, ódio estreme. Quando ele aparecia, sumia-se, detestava-o, pedia a Nossa Senhora que lho tirasse da vista dos olhos.

O José Macário tratava-o com muita frieza, com segura, modos enfatiados, e dizia à irmã que era preciso acabar com aquelas relações. O barão dissimulava discretamente: tratava-o bem, poucas familiaridades – amigo abade, meu caro senhor abade, venha quando quiser, sempre às suas ordens – e morto por o ver pelas costas. O Eusébio Macário, muito à puridade, confidenciou-lhe que fizesse ele da sua parte por não dar a entender que houve coisas com a irmã do seu genro, que não desconfiava nada por enquanto.

– Então o seu genro é uma cavalgadura maior de marca!

– disse o abade. – Não tinha dito em toda a sua vida nada melhor, o padre.

Uma vez, a baronesa disse ao irmão:

– Vamos conversar a respeito de uma coisa muito séria. Olha que o barão já sabe da tua doidice com a Pascoela.

– Sabe? ó diabo! quem lho disse? E deu cavaco?

– Mas muito; ficou levadinho da trupia; que se não mudasses de rumo te punha no olho da rua.

– Ora essa!... por causa daquela catraia!

– Pois sim; mas tu bem sabes que ele é amigo do Trigueiros; e mais já me proibiu de receber a Pascoela; diz que a vão meter no convento. Contaram-lhe na Praça a vida dela. Diz que é uma marafona.

– Muito grande – concordou o cínico – mas ainda as há maiores e ninguém diz nada delas.

– Não sei; ela não te larga, tem paixão por ti; e, se o marido se toma a queixar, como isto há-de ser é que eu não sei. O que ele quer é o que se faz; e já me disse que quem governa é ele; que ninho atrás da orelha ninguém lho fazia.

– Palavra! deixa a pega, palavra de honra! Já estou aborrecido; sustento isto por honra da firma. Acho-a muito ordinária. Aquilo endossa-se.

– O quê? – A baronesa não conhecia o termo comercial.

– O que é *endosso-se*?

– Empurra-se – explicou. – Passo-a ao Tomé, o da Persigueda, aquele que tem um cavalo pigarço. Conheces?

– Eu sei lá quem é!... Olha, porque não casas tu?

Falou em riquezas, num bom dote, cem mil cruzados. Se ele achasse uma mulher com quarenta contos como a sua cunhada! Que pechincha! Que a Felícia, qualquer dia, era pedida pelo comendador Penetra que a não largava; já lhe tinha escrito pelo mulato da cavalaria; mas ela não gostava dele. E um fidalgo de Lamego que mandara falar ao barão; mas andava-se a tirar informações. Depois, pintou a felicidade de viverem juntos, toda a vida, ele com a sua fortuna, senhor de gastar do que era seu, ter uma mulher de bom génio, muito caseira, uma pobre pachola. E de repente, com um alegre arremesso:

– Porque não casas com a minha cunhada, ó Zé?

Ela receava má resposta quando lhe viu esbugalhar os olhos; mas o José, numa atitude cordata, natural, e umas pausas circunspectas:

– Olha que já tenho pensado nisso algumas vezes, Custódia!... Tenho pensado nisso...

E ela muito jovial: – Ainda bem! Ainda bem! Mal sabes que alegria me dás!

– Mas o barão dará os quarenta, ou isso será palanfrário, estardalhaço?

– Tu és tolo! casa tu, que o dinheiro está aqui, está-te nas unhas. Agora, hei-de falar-lhe; que ela faz o que nós quisermos.

O Fístula, desde então, saía pouco de casa, dizia palavras meigas num tom de doçura contrafeita, à irmã do barão. Não respondia às cartas da Pascoela, que prometia suicidar-se, e dava com a janela na cara do Tomé da Persigueda, o do cavalo pigarço. Macário tinha diálogos com Felícia, resolvia escrúpulos, ria-se das dúvidas pudibundas da amiga do abade, garantia-lhe a indiferença do Zé, com juramentos, como quem atestava a probidade de seu filho. O barão andava satisfeito, muito risonho com o cunhado, dava-lhe libras, dizia o diabo de Pascoela, e queria que a sua casa fosse um modelo de honra! Uma vez, o José, para se exprimir sensivelmente, apanhou de surpresa a Felícia, e deu-lhe alguns beijos famintos, mordentos, sorvidos, cáusticos como ventosas, na cara, no pescoço, com a paixão quente e descomposta de um noivo moderno, como os de Teixeira de Queirós. Ela safou-se muito admirada, muito escarlate, num incêndio de pudor que faria a alegria dos anjos.

## XI

Num dia de Junho de 1850, o abade de Santiago da Faia, muito inflamado, entrou no Hotel da Águia, na Batalha, e comeu, atabalhado, muito alvoroçado, com gestos de doido, uma costeleta que empurrava com tragos de vinho. Desceu ao botequim, e pediu café e cana. Havia pouca gente. Homens de grandes cabelos, sem bigodes, com fraques coçados no fio e cadeias vistosas de latão a tremeluzir nas calças brancas espipadas nos joelhos e vincadas de surro, bebiam cerveja da pipa com os queixos espumosos. Eram adores da Companhia do João Manuel, vocações de tripeça falsificadas na rampa. Noutra mesa havia homens de aspecto bilioso, grisalhos, com óculos, que liam o *Periódico dos Pobres* em voz alta, e chamavam ladrão ao conde de Tomar, e malandro ao Joaquim Torcato. Eram pessoas desasadas, desencadernadas, que tinham tido patentes militares na Junta Suprema, e viviam do jogo com baralhos marcados e muita habilidade no uso do pego. A um canto estava um velho de semblante lívido, muito desgraçado, com um chapéu enorme de seda de um azulado decrépito, com um grande cigano no canto da boca. Ao lado, sobre um mocho, via-se uma guitarra com manchas gordurosas de suor que punham brilhos, e aos pés um cão de água com o felpo encarvoado, cheio de torcidas, encarocado, dormia, e acordava de salto, apanhando com muita fúria, no ar, as moscas que lhe picavam nas orelhas. Era o José das Desgraças, o legendário mendigo, que morreu de saudades do seu cão, agravadas pela fome.

Entrou no café um sujeito gordo, bem vestido de preto, cara rapada, com óculos azuis e bengala de castão de prata.

– Um café!

– Pronto, senhor doutor Viegas! – disse um rapazola em mangas, vestindo a blusa para servir o café. – Conhaque?

– Sim, e charutos de pataco.

O abade, ouvindo proferir *Viegas*, lembrou-se do facultativo que estivera em Santiago da Faia e levava a sova de Eusébio por causa da Canelas. Reparou; mas não podia ser. O outro, que ele ainda conhecera, era magro escanifrado, cor de terra seca, não tinha óculos, e usava bigode e pêra. Não podia ser.

Chamou o rapaz, e mais por curiosidade que por verificar, perguntou-lhe:

– Aquele senhor doutor Viegas é cá do Porto?

– E sim, senhor; é o médico do Hospital do Terço.

– Sim? é médico? Então pode ser; mas está muito mudado – pensava. – Vou-me desenganar.

Levantou-se, foi direito ao Viegas que o encarava por cima dos óculos, dobrado sobre a chávena, e disse:

– Vossa Senhoria há-de perdoar a minha confiança. Ouvi chamar-lhe doutor Viegas. Dar-se-á o caso que Vossa Senhoria seja um que estava aqui há treze anos em Cabeceiras de Basto?

– Sim, senhor, sou eu mesmo – respondeu, olhando-o a fito, e exclamando com o ímpeto da surpresa: – Ó abade! você é o abade de Santiago da Faia!

E erguendo-se, abraçaram-se numa grande cordialidade de barrigadas; que nunca mais se tinham visto; que se lembravam um do outro a miúdo; que felizes tempos! as ilusões da mocidade; as forças desperdiçadas em asneiras aliás agradáveis; que o dinheiro dava regalias; mas não dava a felicidade. E então o Viegas contou que fora para o Marco de Canaveses fazer clínica depois que saiu de Santiago; que casara bem com uma viúva que salvara de um tifo; e, como estivesse aborrecido da aldeia, liquidara em boas libras a fortuna da mulher, e mudara a residência para o Porto, com tenção de

estudar, e ir a concurso de alguma cadeira vaga na Escola Médico-Cirúrgica. Que para se entreter se anunciara nos jornais como especialista de moléstias de fígado em que tinha feito profundas análises e experiências. Começou a ser consultado com tanta felicidade que em poucos anos adquirira grande reputação, principalmente com os brasileiros.

Que tinha enviuvado, e passara a segundas núpcias com uma senhora fina de quem tinha três rapazes e uma menina; que era médico de vários hospitais; e abandonara a ideia do magistério por não querer lutar com a corrupção do júri da escola. Disse os nomes dos que vendiam o voto por dinheiro, por influências de mulheres devassas, por política; de resto, eram todos umas descompassadas bestas, a vergonha da ciência e do País. Disse que o doutor Assis tinha sido barbeiro antes de emigrar, e que o Braga dos Lavadouros, o quinhentista, de camélia na mão e barbas de Hipócrates, era uma lâmina que num país onde houvesse crítica e protomedicato seria um simples enfermeiro de hospital. O Viegas tinha sido excluído em três concursos, como ignorante e desmoralizado; sobejavam-lhe razões de queixume.

Saltaram para outro assunto:

– Que me diz você, abade, à baronesa do Rabaçal?

– Pois já sabe?

Pois não havia de saber! Ele era médico do comendador Aguiar. Sabia tudo! Que a tinha visto de caleche, com o marido, e com o pai, o boticário, o Eusébio – e batia-lhe no ombro – o marido da Rosa Canelas. – E aquele garoto, o Zé, que me diz você àquele Zé? Anda por aí bem montado, a quebrar as calçadas, de luneta, com histórias escandalosas, metido com uma Trigueiros, muito safada. É verdade! e a Felícia? Também a tinha visto no teatro; parecia uma velha dama de copas, com muitos caracóis e muitos ouros, com ares palermas, a olhar para o tecto, e a apontar para as figuras. Como se despedira o abade daquela boa praça?

O abade, suspirando, com ares cínicos:

– Como me despedei? O irmão tinha chelpa, e ela raspou-se. Adeus, minha vida! Entrou outra. Estupores que me comam a abadia são às dúzias: é a mim, a mim! Mas você não sabe tudo pelo que vejo. Não sabe que a Felícia casou.

– Que me diz, abade? Lá que ela vinha a casar sabia eu, porque o Aguiar me disse que o irmão lhe dava um grande dote, quarenta contos. Casava com quem quisesse.

– Pois casou com o José Macário, casaram ontem, ali em Santo Ildefonso, às seis horas da manhã, e partiram no vapor esta manhã para Lisboa, os canalhões.

Viegas gargalhava, e dizia: – Oh! que pulhas! que pulhas! que pandilhas! que malandros!

– Deixe-me contar-lhe, Viegas: ouça, que isto tem graça... Dê cá o lume – e acendia o cigarro, impando as bochechas com muito fumo, que engolia e resfolegava, soprando a cinza. – Eu lhe conto. Aqui há tempos a esta parte, o barão e mais a porca da mulher, e o corno do sogro, olhavam-me de esguelha. Eu compreendi a coisa; mas fiz que não entendia, porque – veja você o diabo! – eu gostava da Felícia; era uma mulher de apetite, muito bem conservada, carnes rijas como isto – e batia no mármore da mesa com a mão espalmada – uma grande mulher, uma perfeição. Depois a costumeira de dezasseis anos; estava afeito; por mais asneiras que fizesse por fora, aquela era preferida cá neste diabo desta coisa que se chama coração. Gostava de a ver, vinha aí de mês a mês: não lhe podia falar; a bêbeda fugia de mim; mas eu, por mais que fizesse, não podia esquecê-la. Cheguei a chorar, doutor, cheguei a chorar como uma criança, escondido...

– Mas você está bom e gordo, abade! – observou o clínico.

– Isso foi depois que o tempo me foi curando, meu amigo; mas, ao primeiro,



estive como um arenque. Não faz ideia, doutor!... Aqui há três dias mandei ao barão dois presuntos e três dúzias de salpicões, e escrevi-lhe que chegava hoje ao meio-dia, e lá ia bater ao ferrolho para jantar. Chego à poda, e diz-me o guarda-portão: «Os senhores foram hoje pra Lisboa.» – Todos? – Todos; foi o Sr. Eusébio, e mais o Sr. Josezinho e a senhora dele... – O Sr. José Macário casou? – Casou ontem com a mana do Senhor Barão; casaram de madrugada e foram estar dois meses na capital. Diz que iam para Sintra.

«Fiquei estarrecido, imagine você! E o guarda-portão a olhar para mim: – Pois é verdade. Aquele pechinhou. O Senhor Barão dotou-a com cem mil cruzados em dinheiro; fez-se a escritura anteontem; e demais a mais, ela é verdade que não é nova, mas ainda tem muito que romper. Quando foi para a igreja ia aí arreada que parecia uma princesa! fazia muita vista! um bom bocado!

– Que corja! – não pude deixar de lhe dizer – que corja! – Meti esporas à égua, fui guardá-la na estalagem do

Cantinho, e andei por aí como uma alma penada, capaz de escrever uma carta ao Fístula, àquele pelinirão, descarado, e dizer-lhe que tivesse vergonha, que se enforcasse; que eu ia atirar às folhas a vida de Felícia, da safardana, que eu tirei de guardar cabras em Barroso.

– Não faça isso – aconselhou o Viegas – não faça isso, que lhe fica mal, e nada remedeia. Coração ao largo, abade. Receita de médico: o pêlo do mesmo cão. Vingue-se conservando essas boas aparências de saúde; e para não estar a malucar, venha daí comigo, vamos dar um passeio.

Estava, pois, constituída e bifurcada a *família Macário*, no tempo dos Cabrais, cujo reinado expirou no ano seguinte. Horizontes novos vão rasgar-se. Adubos tão crassos devem rebentar em vegetações feracíssimas.

O abade, dias depois, reconciliado com a desgraça, entrava na residência, e perguntava a Eufémia:

– Ó rapariga, tu tens irmão no Brasil?

– Porque perguntas isso, ó idolatrado?

– E que, se tivesses, qualquer dia ele entrava por aí dentro barão; e eu, nesse caso, precisava ir desde já deitando o olho a quem me viesse governar a casa.

E ela, explosiva de riso e ternura;

– Isso é o que tu querias, idolatrado!

E punha-se a catá-lo.

Eufémia, quando era costureira de Madama Guichard, teve um segundo-sargento a quem chamava o seu idolatrado. Depois desse teve nove, uma súcia, incluso o abade, todos idolatrados. Ela ardera muito sem se gastar, como a sarça de Moisés. Cada vez mais gorda e frescal. O abade, em momentos de raptos religiosos, dizia cheio de unção: Os céus indemnizaram-me da ingratidão da outra bêbeda.

\*\*\*\*\*

Obra digitalizada e revista por Deolinda Rodrigues Cabrera. Actualizou-se a grafia.

© Projecto Vercial, 2000

<http://www.ipn.pt/literatura>

\*\*\*\*\*